

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E
TURISMOS

CAMILA MALAGOLINI GAMA

A Turma cresceu, e agora?

Reflexão sobre a evolução da Turma da Mônica

São Paulo

2012

CAMILA MALAGOLINI GAMA

A Turma cresceu, e agora?

Reflexão sobre a evolução da Turma da Mônica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – habilitação em Relações Públicas - sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Valéria de Siqueira Castro Lopes.

São Paulo

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Malagolini Gama, Camila

A Turma cresceu, e agora? Reflexão sobre a evolução da Turma da Mônica/Camila Malagolini Gama. Orientador: Profa. Dra. Valéria de Siqueira Castro Lopes. São Paulo, 2012. 73 páginas.

Monografia (Graduação) -- Universidade de São Paulo, 2012.

1. Pinturas Rupestres. 2. Quadrinhos. 3. Turma da Mônica. 4. Evolução. 5. Pesquisa.

CAMILA MALAGOLINI GAMA

A Turma cresceu, e agora?

Reflexão sobre a evolução da Turma da Mônica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, aprovado pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^ª Dra. Valéria de Siqueira Castro Lopes

Universidade de São Paulo, ECA/USP

Orientadora.

Prof. Dr. Heliodoro

Universidade de São Paulo, ECA/USP

Co-orientador.

São Paulo, ____ de _____ de 2012

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos
meus Pais.

À minha mãe, que me ensinou a ser agradecida pelo pouco que temos.
Mas, especialmente ao meu pai, que me ensinou a sonhar e lutar pelo "grande."

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente aos meus pais por possibilitarem e acreditarem em mim, pois sem eles, o início, e conseqüentemente o fim, da minha trajetória na ECA-USP não seria possível. Às minhas irmãs e à Leninha, que completam enfim, aquilo que entendo como família.

À professora Valéria Castro e ao professor Dorinho pela ajuda e orientação neste importante momento da minha vida acadêmica.

A todos aqueles que disponibilizaram tempo e atenção para a gravação das entrevistas que contribuíram para um melhor entendimento da temática abordada neste trabalho.

À Gabriela Teixeira Rodrigues que, com todo seu talento e dedicação, elaborou a capa temática desta monografia. E à Marina Teixeira Rodrigues, que acredita no talento e sucesso de sua gêmea.

A todos os colegas que preencheram minha vida e cana em um sentido que vai muito além da academia. Em especial à Albertina, Bárbara, Cristiana, Jorge, Natália, Talitha e Thammy que espero levar comigo para toda a vida.

Por fim, agradeço especialmente a Deus.

“A fantasia é a mãe da satisfação, do humor, da arte de viver. Apenas floresce alicerçada num íntimo entendimento entre o ser humano e aquilo que objectivamente o rodeia. Esse ambiente envolvente não tem que ser belo, singular ou sequer encantador. Basta que tenhamos tempo para a ele nos habituarmos, e é sobretudo isso que hoje em dia nos falta.”

Hermann Hesse

RESUMO

A partir da trajetória histórica das HQ's e da aplicação de uma entrevista exploratória, o trabalho tem como propósito analisar as características e a evolução das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, que resultou no surgimento da Turma da Mônica Jovem, e a recepção deste novo formato por parte do grupo leitor.

Palavras-chave: Turma da Mônica, histórias em quadrinhos, evolução, Turma da Mônica Jovem.

ABSTRACT

From the historical trajectory of HQ's and the application of an exploratory interview, this paper intends to analyze the aspects and the evolution of Monica's Gang comics, which resulted in the emergence of Monica's Gang Teen, and the reception of this new format by the reader group.

Keywords: Monica's Gang, comics, evolution, Monica's Gang Teen

RESUMEN

De la trayectoria histórica de las estorietsas y de la aplicación de una entrevista exploratoria, el trabajo desea analizar los caracteres y la evolución de las estorietsas di Mónica y su Pandilla, que resultó en la aparición de Mónica y su Pandilla Joven, y la recepción de este nuevo formato por lo grupo lector.

Pallavras clave: Mónica y su Pandilla, estorietsas, evolución, Mónica y su Pandilla Joven.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 –Pinturas Rupestres	15
FIGURA 2 - Pinturas Rupestres	17
FIGURA 3 - Pinturas Rupestres	18
FIGURA 4 - Yellow Kid, Richard F. Outcault	19
FIGURA 5 - Buster Brown, Richard F. Outcault	20
FIGURA 6 - Little Orphan Annie, Harold Gray	21
FIGURA 7 - Popeye, E.C. Segar	22
FIGURA 8 - Batman, Bob Kane.....	23
FIGURA 9 - Superman, Jerry Siegel e Joe Shuster	23
FIGURA 10 - Betty Boop, Max Fleischer	24
FIGURA 11 - Quadrinhos Disney, Wal Disney	25
FIGURA 12 - Quadrinhos Disney, Wal Disney	25
FIGURA 13 - Gato Félix, Pat Sullivan	26
FIGURA 14 - Mickey Mouse, Ub. Twerks.....	26
FIGURA 15 - Pato Donald, Estúdios Disney	27
FIGURA 16 - Zé Carioca, Estúdios Disney	28
FIGURA 17 - As aventuras de Nhô Quim - um caipira na capital, Angelo Agostini	29
FIGURA 18 - O Tico-Tico, Luís Bartolomeu	30
FIGURA 19 - O Tico-Tico, Luís Bartolomeu	31
FIGURA 20 - <i>Cartoon Jaguar</i>	34
FIGURA 21 - Pererê, Ziraldo	35
FIGURA 22 - Maurício de Sousa, Brunella Nunes	36
FIGURA 23 - Bidu, Maurício de Sousa.....	37
FIGURA 24 - Turma da Mônica, Maurício de Sousa.....	38
FIGURA 25 - Turma da Mônica, Maurício de Sousa.....	39
FIGURA 26 - Bidu, Maurício de Sousa.....	40
FIGURA 27 - Turma da Mônica, Maurício de Sousa.....	41
FIGURA 28 - Mônica, Maurício de Sousa	46
FIGURA 29 - Magali, Maurício de Sousa	47
FIGURA 30 - Cebolinha, Maurício de Sousa	47
FIGURA 31 - Cascão, Maurício de Sousa	48

FIGURA 32 - Piteco, Maurício de Sousa.....	49
FIGURA 33 - Personagens secundários, Maurício de Sousa.....	50
FIGURA 34 - Mafalda, Quino.....	52
FIGURA 35 - Mafalda, Quino.....	53
FIGURA 36 - Luluzinha, Marge	54
FIGURA 37 - Luluzinha, Marge	55
FIGURA 38 - Luluzinha, Marge	56
FIGURA 39 - Turma da Mônica Teen, Maurício de Sousa	57
FIGURA 40 - Turma da Mônica Teen, Maurício de Sousa	58
FIGURA 41 - Turma da Mônica Teen, Maurício de Sousa	59

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo I - A comunicação humana através de imagens: pinturas rupestres	14
Capítulo II - Surgimento dos Quadrinhos	19
2.1. Breve panorama sobre o desenvolvimento dos Quadrinhos norte-americanos	19
2.2. Quadrinhos Infantis - Disney	24
2.3. Quadrinhos no Brasil	29
2.3.1. Surgimento dos Quadrinhos Infantis no Brasil – O Tico-Tico	29
2.3.2. Situação Histórica no período de surgimento dos quadrinhos no Brasil	32
2.3.3. Cartunistas contemporâneos a Maurício de Sousa	34
Capítulo III - Turma da Mônica	36
3.1. Maurício de Sousa	36
3.2. Surgimento	40
3.3. Influências da Disney	43
3.4. Personagens Principais	45
3.5. Personagens Secundários	49
Capítulo IV - A evolução de personagens em quadrinhos	51
4.1. Mafalda	51
4.2. Luluzinha	54
4.3. Turma da Mônica Teen	57
Capítulo V - Pesquisa	60
5.1. Metodologia de Pesquisa	61
5.2. Descrição e Análise dos Resultados	63
Capítulo VI - Conclusão	68
Capítulo VII - Referências	70
Capítulo VIII - Apêndice	73

Introdução

A comunicação permite a troca de informações e as interações humanas, que por sua vez, possibilitam o desenvolvimento da sociedade e do próprio homem como espécie. Esta comunicação, que é intrínseca ao ser humano, existe sob os mais variados formatos, como a fala, a escrita, os gestos e as imagens, sendo que esta última remonta aos primórdios da humanidade, e acompanha a evolução da mesma.

A comunicação por imagens, base para o surgimento das histórias em quadrinhos, consolida-se a partir de um pressuposto que a torna extremamente abrangente e capaz de atuar para a comunicação de massa: a universalidade de sua linguagem.

A partir da crença de que as histórias em quadrinhos, constituídas a partir de imagens, são de extrema importância como formato de comunicação, o trabalho visa refletir sobre o surgimento e o desenvolvimento de historietas e seus personagens, com foco na evolução da Turma da Mônica, que agora, existe em modelo *Teen*.

Além disso, visa-se apreender como ocorreu esta evolução dos personagens da Turma da Mônica, desde o seu surgimento até a fase *Teen*, e como esta mudança foi recebida por leitores que vivenciaram os personagens no auge de sua infância e que, agora, os veem como adolescentes.

A fim de conceber este aparato teórico, especialmente no que tange a parte histórica dos quadrinhos e seus personagens, serão utilizados materiais de cunho acadêmico, como artigos, teses e livros indicados pela professora orientadora. Por fim, para compreender a opinião de um público acostumado a personagens "crianças" e que agora se deparam com personagens "adolescentes", deverá ser realizada uma pesquisa em formato de entrevistas individuais, que contribuirá para a conclusão desta monografia.

1.0 - A comunicação humana através de imagens: pinturas rupestres

Desde os primórdios, a necessidade de se comunicar está intrínseca ao ser humano. Seja por meio de desenhos, sinais ou da fala, o Homem busca constantemente a interação com os outros ao seu redor. Muito antes da invenção da escrita, o ser humano primitivo já possuía maneiras de se expressar graficamente. As pinturas rupestres, portanto, aparecem como as mais antigas representações artísticas conhecidas. Algumas, do período Paleolítico Superior, datam de mais de 40.000 anos.

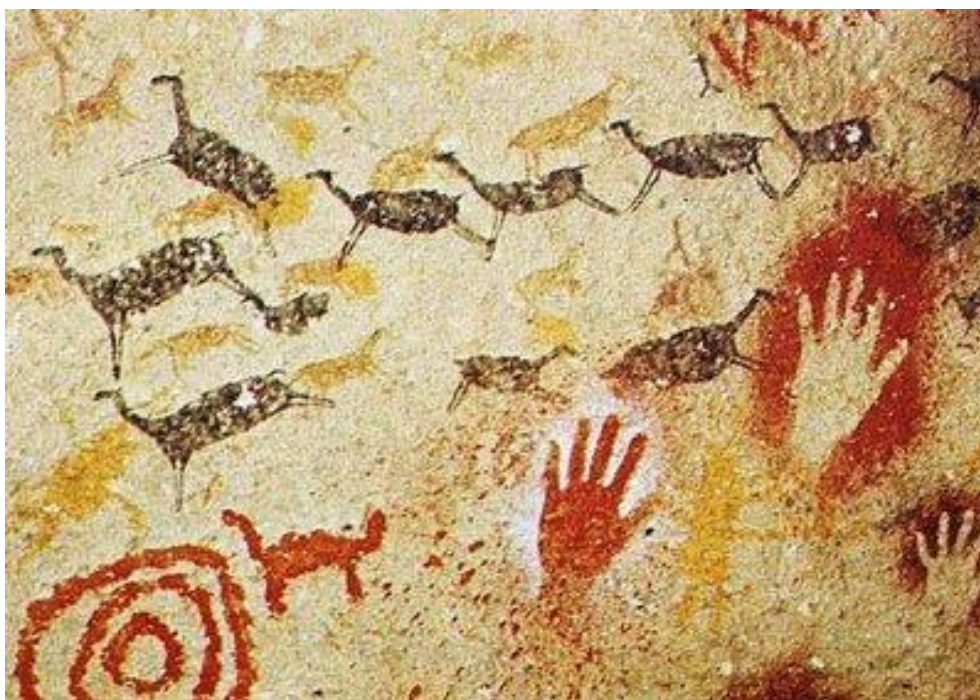
A maior parte das gravuras encontradas está localizada em lugares como abrigos e cavernas, e a preocupação em proteger os desenhos já nos serve como indício de que aquelas pinturas tinham um papel fundamental na comunicação do homem primitivo. As figuras impressionam pela tentativa de imitar a natureza com um grau ímpar de realismo. Não se tratava apenas de meras composições decorativas, mas sim, de observações feitas durante a caçada com o intuito de informar.

De acordo com alguns historiadores, a pintura rupestre servia como um tipo de “magia propiciatória” destinada a garantir o êxito do caçador, sendo que alguns povos realmente acreditavam na influência de seus desenhos na vida cotidiana. Em diversas pinturas é possível notar flechas atingindo animais, o que nos parece uma espécie de ritual que tinha como função predestinar o resultado das caçadas.

Os materiais mais usados na construção das pinturas eram sangue, saliva, argila e excremento de morcegos, estes últimos relativamente fáceis de encontrar dentro das cavernas.

As imagens encontradas normalmente retratam animais selvagens comuns à realidade da pré-história como bisões, cavalos e cervos. A figura humana, no entanto, raramente aparece e quando surge, é vista envolvida em atividades como a dança e a caça. Ao contrário do que ocorre com os animais, o ser humano aparece em desenhos esquemáticos e não de forma realista. Outros tipos de pintura encontrados são palmas de mãos humanas e motivos abstratos que consistem em um emaranhado de linhas, comumente apelidados de “macarrões”.

Figura 1: Pinturas Rupestres



Fonte: Blog 8ª Série Arte CBC¹

Atualmente, com as recentes reavaliações e com o crescimento do número de descobertas, não há mais dúvidas de que as pinturas rupestres descobertas nos sítios arqueológicos sejam autênticas, mas nem sempre foi assim. A polêmica sobre a veracidade de tal arte teve início quando os europeus encontraram os desenhos de Magdalenia da caverna de Altamira, na Espanha, por volta de 150 anos atrás. O pensamento darwiniano sobre a evolução das espécies, vigente entre os acadêmicos da época, foi interpretado como significando que os humanos da pré-história jamais teriam sido suficientemente avançados para criar algo como as pinturas encontradas. Ao longo dos anos, porém, ficou mais do que provada a autenticidade das imagens grafadas e o alto nível de capacidade do Homem do Paleolítico Superior, que contava apenas com ferramentas rudimentares para a produção dos desenhos nas rochas.

Ainda hoje, as pinturas daquele período são de grande serventia para o historiador moderno e proporcionam valiosas pistas para que sejamos capazes de

¹ Disponível em: <http://8serieartecbc.blogspot.com.br/2011/05/historia-da-arte.html>. Consultado em 10 de setembro de 2012

entender o contexto social, as crenças e a cultura nos quais o Homem primitivo estava inserido.

As imagens ilustram importantes momentos de revolução cultural e ajudam os estudiosos a reconstruir a realidade da época pré-histórica. As mudanças na busca de alimentos, por exemplo, aparecem retratadas nos desenhos: a coleta, as caçadas associadas a esse ato e, por fim, a agricultura. O mesmo acontece com a descoberta e o aprimoramento de utensílios e ferramentas de trabalho. Os rituais de adoração de deuses e a crença dos povos antigos também podem ser mais bem compreendidos através de tais registros.

Mesmo com um panorama geral do que poderia ter sido a realidade cotidiana do Homem pré-histórico, os estudiosos excluem de antemão a possibilidade de desvendar o total significado das gravuras produzidas naquele período. Como forma de comunicação social, a representação gráfica só pode ser completamente entendida no contexto em que está inserida. Trata-se, portanto de uma linguagem com códigos específicos conhecidos em sua totalidade apenas pelos membros da comunidade na qual foi formulada. Assim sendo, os significados da maior parte das pinturas está definitivamente perdida no tempo, pois o ser humano do século XXI não é capaz de conhecer o código social dos grupos que as criaram.

Algumas técnicas utilizadas na construção das pinturas rupestres superam expectativas. As noções de sombreamento e perspectiva podem ser observadas já naquele momento, conceitos que só seriam retomados milhares de anos depois no Renascimento.

O tempo passa e o artista do Neolítico, agora não mais nômade, revela preocupação com a beleza e não apenas com a utilidade da pintura. Neste novo contexto, surge o desafio de tentar dar movimento às figuras estáticas, o que significa mais um passo em direção à imitação da realidade em seu sentido mais amplo. As imagens agora possuem traços pequenos que aparentam leveza e agilidade.

As inúmeras transformações ocorridas neste período tiveram grande reflexo na arte. O Homem passa a apurar seus sentidos, não apenas para coisas concretas como a caça e a agricultura, mas também para a abstração, a subjetividade e a racionalização. Ele passa a se tornar o Homem que virá a ser no futuro.

No Brasil, os sítios arqueológicos de maior importância estão localizados no Nordeste do país e o conjunto de pinturas rupestres encontrado na região segue três vertentes principais: a tradição Nordeste conta com figuras caracterizadas pela riqueza de informações que transmitem, mostrando figuras humanas do cotidiano, muitas já com a nítida impressão de movimento. A tradição Agreste, por sua vez, apresenta figuras grandes, algumas até disformes mostrando elementos da fauna e figuras humanas misturadas a possíveis rituais, como um homem alado e seres gigantes. Por fim, temos a tradição dita Geométrica, que revela pinturas que representam uma maioria de grafismos puros com algumas mãos, pés, figuras humanas e de répteis, extremamente simples e esquematizadas.

Figura 2: Pinturas Rupestres



Fonte: Retraços da História²

A maior contribuição desta forma de arte ao mundo atual é a possibilidade de análise do comportamento humano há milhares de anos em um contexto completamente diferente do nosso. Tal análise consiste em um estudo interdisciplinar que engloba conceitos de psicanálise, antropologia e o próprio conceito de arte.

²Disponível em: <http://retracosdahistoria.blogspot.com.br/2011/03/pinturas-rupestres.html>. Consultado em 10 de setembro de 2012

Com as evidências deixadas pelos nossos antepassados, os historiadores chegam a um consenso: o Homem pré- histórico era um indivíduo social, alegre, místico e um amante da natureza.

Figura 3: Pinturas Rupestres



Fonte: Fundação Museu do Homem Americano³

Nota-se que as gravuras eram então utilizadas, além de seu sentido místico, como uma maneira de transmitir informação, sendo um princípio da comunicação visual, ou comunicação por imagens. Álvaro Moya afirma, em seu livro *Shazam*, acreditar que o desenho, no que tange à História da Humanidade, veio antes da fala, e que esta arte gráfica é a geradora daquilo que conhecemos por inteligência, sendo então utilizados como uma maneira de controlar o mundo.

Quando o homem fez a pintura rupestre, naquela figuração simples, na parede de sua caverna, queria comunicar-se, dizer algo a seus semelhantes, a relação indivíduo/coletividade, a resposta coletiva/individual. A tentativa de se aproximar dos outros. A tentativa de aproximar os outros. (MOYA, 1970, p. 95)

³ Disponível em: <http://www.fumdam.org.br/pinturas.asp>. Consultado em 10 de setembro de 2012

Os quadrinhos são assim concebidos com este poder de retratar, e até mesmo controlar, o que comumente entendemos como a realidade do mundo, uma vez que o desenho, ao contrário da escrita, permite o foco a partir de qualquer ângulo ou distância. É esta diferenciação intrínseca ao desenho que torna a comunicação através de imagens abrangente, eficaz e universal.

2.0 - Surgimento dos Quadrinhos

2.1. Breve panorama sobre o desenvolvimento dos Quadrinhos norte-americanos

Nos Estados Unidos, em 5 de maio de 1895, surgiu o primeiro personagem fixo semanal: o *Yellow Kid*. Foi a partir desta personagem que Richard F. Outcalt deu margem ao surgimento das histórias em quadrinhos. O autor recebia muitas críticas relacionadas ao comportamento do garoto, afirmando que, por motivos didáticos e educacionais a personagem não era uma boa influência para as crianças da época. Mas, na verdade, o problema estava nas condições sociais da personagem, e não nas comportamentais.

Figura 4: Yellow Kid, Richard F. Outcalt



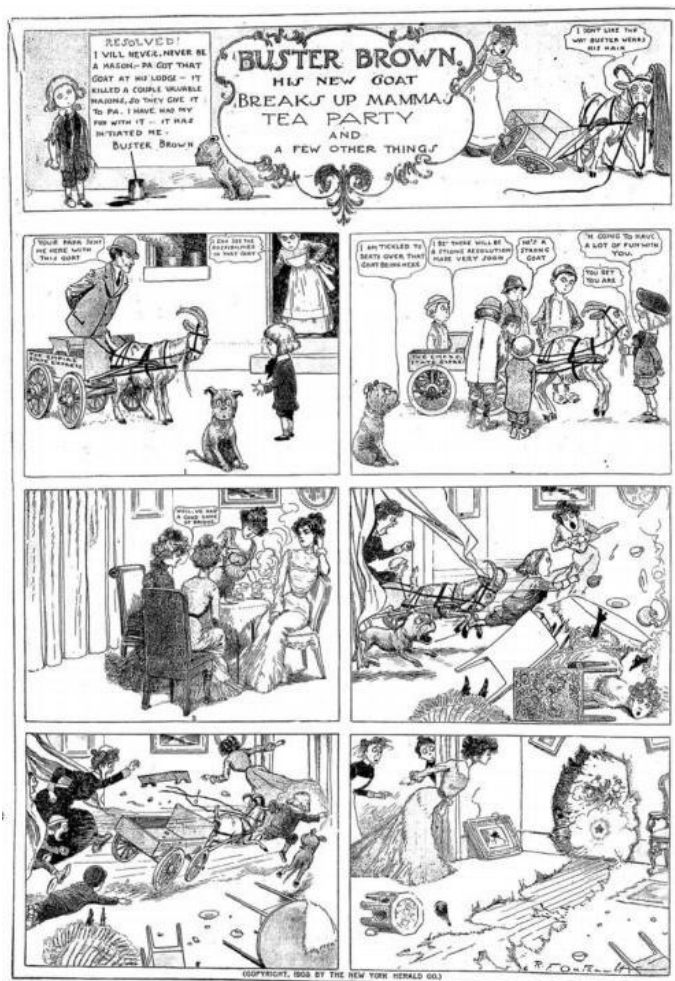
Fonte: http://www.universohq.com/quadrinhos/2005/hq_cenas.cfm⁴

⁴ Disponível em: http://www.universohq.com/quadrinhos/2005/hq_cenas.cfm . Consultado em 19 de setembro de 2012

Deve-se ressaltar que, no mesmo ano desta publicação, em que surgia a primeira personagem em histórias de quadrinhos do mundo, nascia o que é considerado como a sétima arte, o cinema de Lumière. Mas, ao contrário das projeções, os quadrinhos foram marginalizados e até mesmo negados por parte da sociedade da época.

O segundo sucesso de Richard F. Outcalt, *Buster Brown*, apareceu, primeiramente, como figurante de *Yellow Kid* em 1897, mas foi no ano de 1902 que a personagem ganhou estória própria, sendo que, no dia 4 de maio de 1902, a seção em cores do *New York Herald* lançou o que viria a ser um dos maiores sucessos de Outcalt.

Figura 5: Buster Brown, Richard F. Outcalt



Fonte: Universo HQ⁵

⁵ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/gibizada/posts/2008/09/04/para-quem-gosta-de-quadrinhos-antigos-124282.asp> Consultado em 19 de setembro de 2012

Outra personagem marcante dos quadrinhos norte-americanos, mostrada em quadrinho acima, foi *Little Orphan Annie*, publicada primeiramente em 5 de agosto de 1924. A personagem foi criada por Harold Gray, que recebia críticas em relação ao trabalho visual de suas historietas, mas seu texto era considerado de alto nível literário, contribuindo para o sucesso da obra. A personagem foi tão apreciada que virou musical da Broadway e, devido ao grande sucesso do musical, a superprodução chegou a Hollywood, através de John Huston.

A partir de então, com personagens que se originaram dos quadrinhos e que conquistaram os palcos da Broadway e as telas de Hollywood, o interesse pela arte cresceu ainda mais, dando margem ao surgimento de diversas personagens, que conferiram diferentes entonações ao mundo dos *comics*.

Os contos e retratações de super-heróis, que conquistaram o mundo dos quadrinhos, tiveram início com Popeye, de E. C. Segar. O marinheiro não tem dúvidas quando o assunto é a defesa de seus direitos, lutando bravamente por aquilo que acredita. E, como qualquer herói seguinte, tem alguém por quem entregar seu coração, Olive Oyl.

Figura 7: Popeye, E.C. Segar



Fonte: Universo HQ⁷

Foi então, a partir de Popeye, que as personagens com superpoderes, missões especiais e outras características que ilustram o mundo dos super-heróis começaram a frequentar as páginas das HQs. Capitão Marvel, de C. C. Beck, *Batman*, de Bob Kane e Capitão América, de Jack Kirby e Joe Simon são apenas alguns exemplos destes personagens heróicos.

⁷ Disponível em: http://www.universohq.com/quadrinhos/2008/review_Popeye60anos.cfm. Consultado em 20 de setembro de 2012

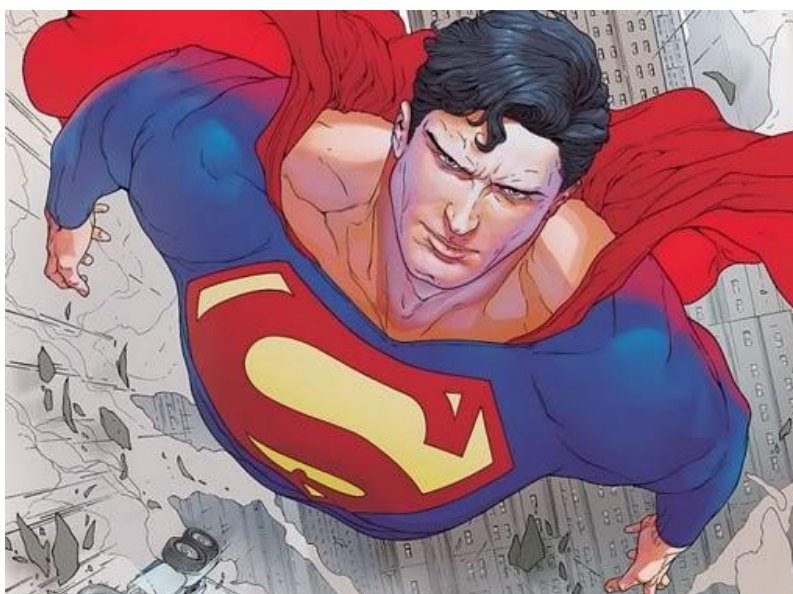
Figura 8: Batman, Bob Kane



Fonte: ARG!Cast⁸

Mas, apesar da relevância de cada um deles, deve-se ressaltar o *SuperMan*, de Jerry Siegel e Joe Shuster, como o maior representante desta categoria de 'histórias fantásticas demais'. Este personagem, que conquistou não apenas o mundo dos *comics*, mas o mundo real foi objeto de estudos, pesquisas, análises políticas, sociais, culturais e esteve presente nos mais diversos meios de comunicação, como rádio, TV, cinema, entre outros.

Figura 9: Superman, Jerry Siegel e Joe Shuster



Fonte: Receita do Sucesso⁹

Outros segmentos das histórias em quadrinhos também foram desenvolvidos nos Estados Unidos. O tom de aventura dado a algumas historietas apareceu no ano de

⁸ Disponível em: <http://www.argcast.com/podcast/029/>. Consultado em 20 de setembro de 2012

⁹ <http://receitadосуcesso.com/2009/11/25/dica-para-iniciante-como-comprar-hq/>. Consultado em 20 de setembro de 2012

1929, inaugurando o que ficou conhecido como a Era Dourada, a década de 1930. Esta entonação foi lançada a partir de dois personagens centrais: Tarzan e Buck Rogers.

Ainda, como exemplo das ramificações das HQs, podemos citar as *Dirty Comics*, que são contemporâneas às histórias de aventura. Na década de 30 alguns autores anônimos começaram a produzir revistas de cunho pornográfico, usando do humor, deboche e sátira aos costumes e preceitos do período.

Figura 10: Betty Boop, Max Fleischer



Fonte: [Blogs POP/Nerd e Geek](#)¹⁰

É preciso lembrar que os personagens de quadrinhos são inúmeros, sendo que cada um caracteriza-se por fatores especiais e únicos, conferindo importância e relevância a diferentes obras. No contexto dos Estados Unidos não é diferente. As personagens aparecem e sobrevivem, ou, muitas vezes, são esquecidas ao longo do tempo. Mas, uma área marcante das HQ's, que perdura até os dias de hoje é o Mundo Disney, que tem como foco os quadrinhos infantis.

2.2. Quadrinhos Infantis – Disney

Wal Disney é referência quando se pensa em quadrinhos voltados ao público infantil. E, não apenas quando o assunto são os quadrinhos, uma vez que Wal Disney criou um mundo mágico, composto por revistinhas, suplementos coloridos em jornais, filmes de curta e longa metragem, produtos que levam os personagens e a marca Disney, como brinquedos, roupas e cosméticos e parques temáticos que encantam crianças e até mesmo muitos adultos.

¹⁰ <http://blogs.pop.com.br/nerd-e-geek/betty-boop-completa-82-anos/>. Consultado em 20 de setembro de 2012

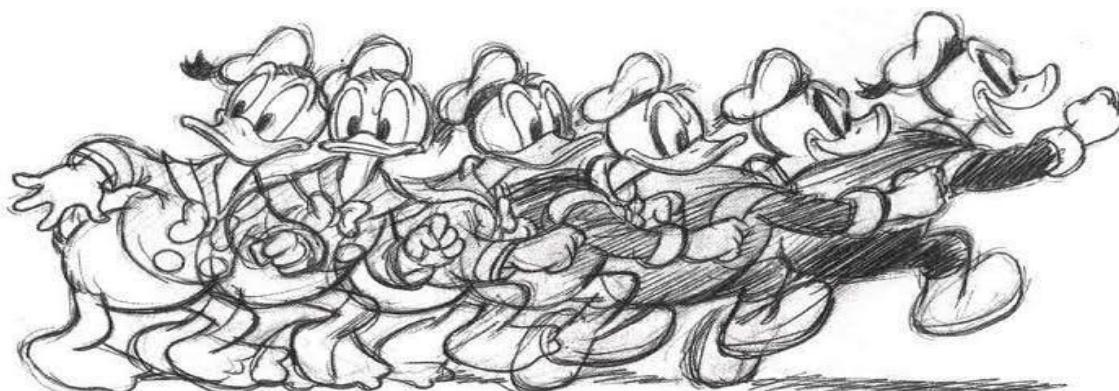
Figura 11: Quadrinhos Disney, Wal Disney



Fonte: Universo Disney¹¹

Diversos são os personagens que compõem a “fauna” de Wal Disney, como o Tio Patinhas, Pato Donald, Pateta, Irmãos Metralha, Mickey Mouse e uma centena de outros personagens, que se não representam literalmente animais são seres inanimados que ganham vida ou príncipes e princesas cercados por uma natureza harmônica e encantada.

Figura 12: Quadrinhos Disney, Wal Disney



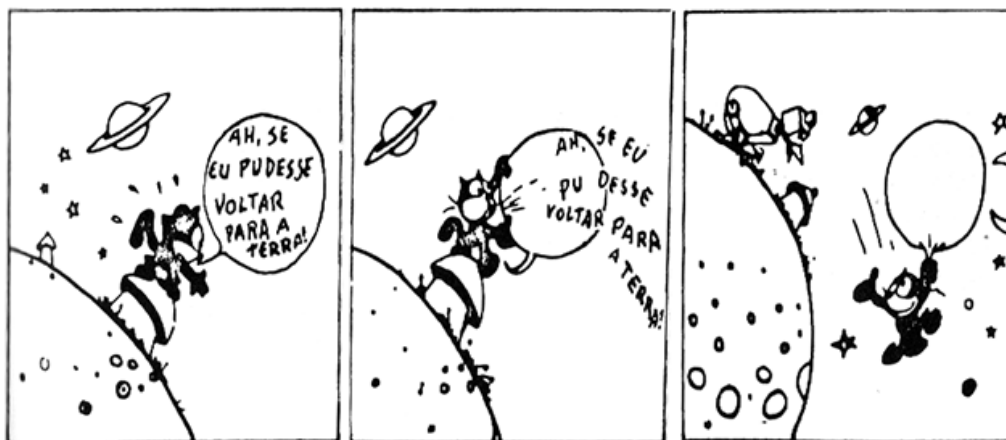
Fonte: Universo Disney¹²

A origem daquilo que se entende como a “fauna” de Wal Disney está em um personagem criado no ano de 1917 pelo australiano Pat Sullivan, o Gato Félix. Félix foi um sucesso não apenas das revistinhas impressas, mas também de filmes de animação, assim como os personagens Disney.

¹¹ Disponível em: <http://ludy-quadrinhosdisney.blogspot.com.br/2010/11/historias-em-quadrinhos-disney-grandes.html>. Consultado em 25 de setembro de 2012

¹² Disponível em: <http://ludy-quadrinhosdisney.blogspot.com.br/2010/11/historias-em-quadrinhos-disney-grandes.html> Consultado em 25 de setembro de 2012

Figura 13: Gato Félix, Pat Sullivan



Fonte: Série História da HQ¹³

Apesar da Disney ser a representante de uma infinidade de personagens, o dono que nomeou este império tem como criações próprias apenas Alice e o coelho Oswald, sendo que todo o restante foi produzido por diversos cartunistas e outros artistas. O símbolo do império mágico de Wal Disney, Mickey Mouse, foi criado no ano de 1929 por Ub Twerks, sendo que a publicação de Mickey é considerada o pontapé inicial dos Estúdios Disney.

Figura 14: Mickey Mouse, Ub. Twerks



Fonte: Universo HQ¹⁴

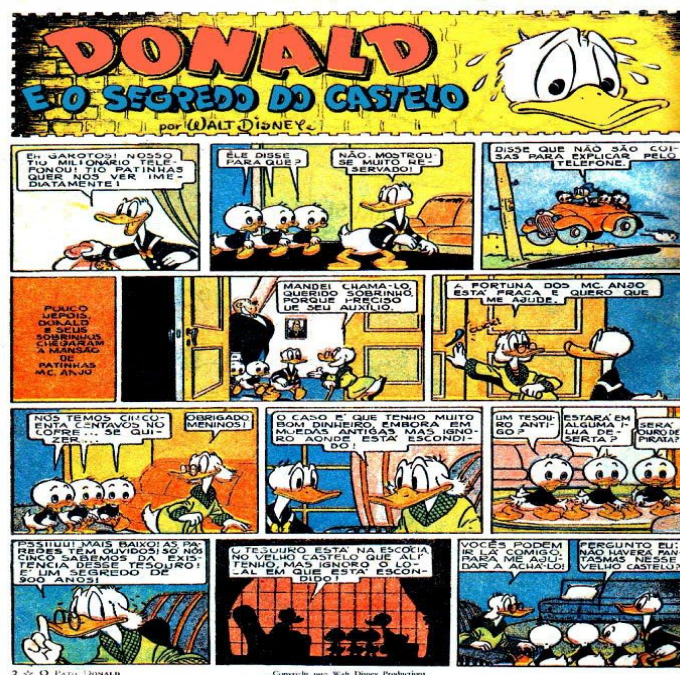
¹³Disponível em: <http://www.semorelha.com.br/category/serie-historia/>. Consultado em 25 de setembro de 2012.

¹⁴http://www.universohq.com/quadrinhos/2010/n30072010_10.cfm. Consultado em 25 de setembro de 2012

Em seguida, como personagem marcante tem-se o Pato Donald, criado em 1938, o qual fez sua primeira aparição em um dos episódios de Mickey e logo atingiu *status* de estrela, devido ao seu aspecto cômico e sua personalidade atrapalhada e divertida. O personagem conhecido como Tio Patinhas, um milionário ranzinza e capitalista, desenvolvido por Carl Barks, também é bastante importante para a consolidação do império de Wal Disney.

Ao contrário do que se pensava, entendeu-se que os quadrinhos despertam uma resposta imediata do cérebro das crianças, contribuindo assim, para o desenvolvimento intelectual das mesmas. Este fator propiciou a aceitação dos típicos quadrinhos de Wal Disney focados no público infantil, além do fato de quê, devido à linguagem universal dos quadrinhos, que não sofrem com as barreiras do idioma, a disseminação torna-se mais fácil, atuando fortemente na comunicação de massa. “A simples visão de uma figura gráfica quebra tudo e transforma o mudo todo numa aldeia só”, afirma Moya (1970).

Figura 15: Pato Donald, Estúdios Disney



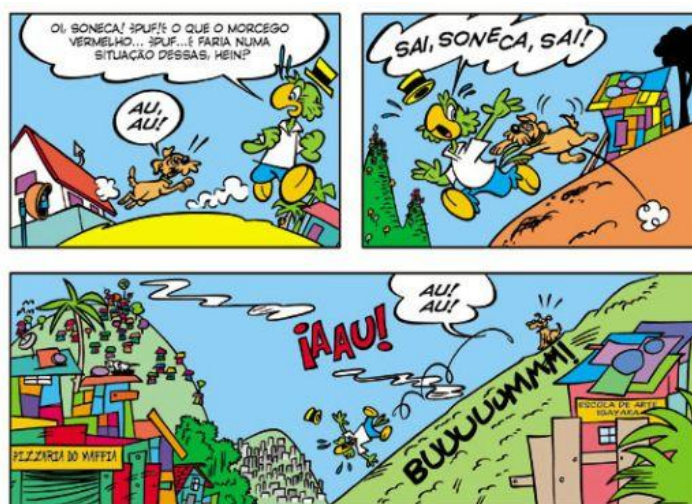
Fonte: A Gibiteca¹⁵

¹⁵ Disponível em: <http://agibiteca.blogspot.com.br/2012/01/historia-o-segredo-do-castelo-de-carl.html>. Consultado em 26 de setembro de 2012

Com o tempo, as historietas de Wal Disney estavam presentes em diferentes países, sendo publicadas em mais de trinta idiomas. No Brasil, por exemplo, revistas infanto-juvenis como a Suplemento Juvenil, passaram a garantir a predominância destes quadrinhos em suas publicações, em detrimento das produções nacionais. O sucesso era tanto que os quadrinhos Disney deixaram de ser produzidos apenas em território norte-americano e ganharam as gráficas internacionais.

A Editora Abril, de Victor Civita, por exemplo, publicava as historietas de Wal Disney em revistas semanais e mensais, recebendo diversos personagens que compunham o império Disney, como Mickey Mouse, Zé Carioca, Tio Patinhas, Pato Donald, entre outros. A publicação sistemática destas historietas por uma das maiores editoras do Brasil contribuía significativamente para o declínio das publicações nacionais.

Figura 16: Zé Carioca, Estúdios Disney



Fonte: Blog dos Quadrinhos¹⁶

As produções Disney influenciaram, e ainda influenciam, diversos artistas seja no formato e/ou discurso de seus personagens, seja na maneira de aliar a fala e a fantasia infantil à realidade adulta. Atualmente, sob o *copyright* desta gigantesca empresa são produzidos artigos Disney de variadas formas, para inúmeras partes do globo.

¹⁶ Disponível em: http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/entrevista/arch2009-10-01_2009-10-31.html. Consultado em 26 de setembro de 2012

2.3 Quadrinhos no Brasil

O primeiro *cartoon* brasileiro, de Manuel Araujo Porto-Alegre, registra a data de 14 de dezembro de 1837 e surgiu sob o título *A Campanha e o Sujo*. Em 1869, Angelo Agostini publicou *As aventuras de Nhô Quim – um caipira na capital*, nas páginas de *Vida Fluminense*. O artista é considerado, juntamente com Manuel Araujo Porto-Alegre, um precursor das HQ's no Brasil, sendo leitura obrigatória para os interessados no segmento.

Figura 17: As aventuras de Nhô Quim - um caipira na capital, Angelo Agostini



Fonte: Bolg do Gutemberg¹⁷

Mas, apesar deste marco inicial e da existência de autores que atuaram de maneira contínua na criação de historietas e personagens, a história dos quadrinhos no Brasil, de modo geral, não apresenta uma trajetória linear e contínua, uma vez que a mesma desenvolveu-se *de acordo com o progresso da impressão e da imprensa*, Moya, 1986. O sucesso, ou o fracasso, de revistas, jornais e principalmente de editoras influenciaram diretamente as HQ's no Brasil.

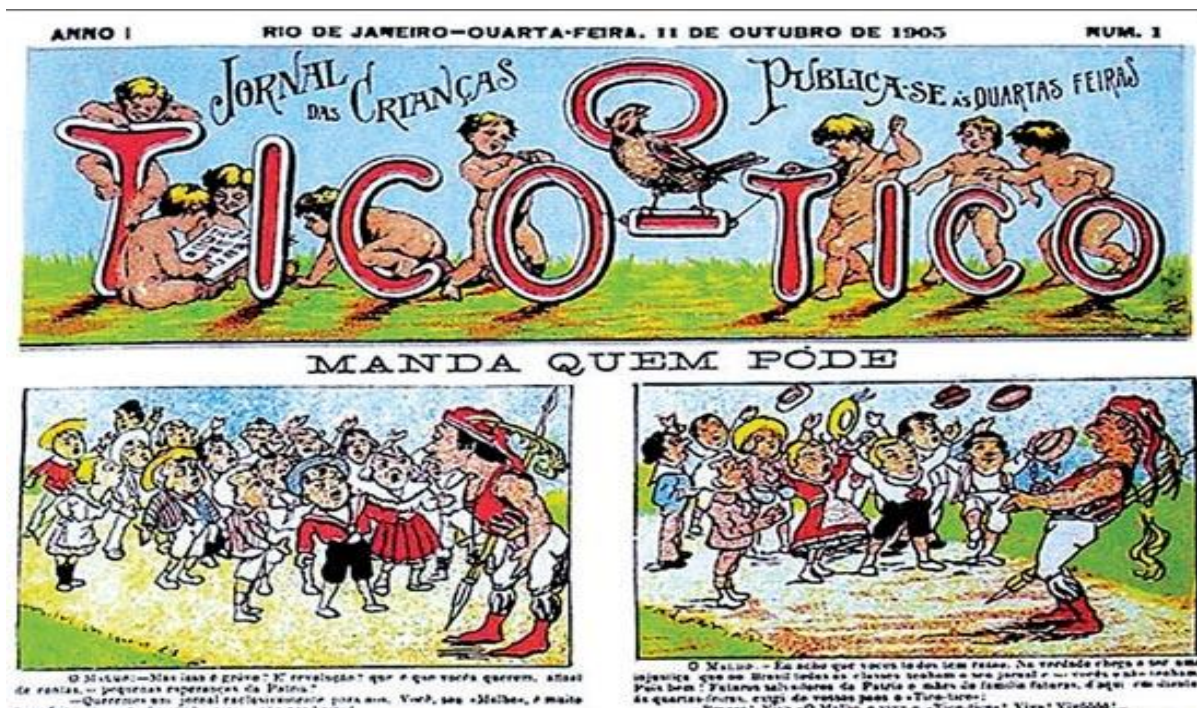
2.3.1 Surgimento dos Quadrinhos Infantis no Brasil – O Tico-Tico

Em relação às produções voltadas ao público infantil, bastante populares no Brasil, tem-se como precursor das revistas infantis o *Jornal da Infância*, que foi lançado no dia 2 de fevereiro de 1898.

¹⁷ Disponível em: <http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/2011/08/o-numero-1-dos-quadrinhos-brasileiros-2.html>. Consultado em 30 de setembro de 2012

Apesar de iniciar a produção infantil no país, o *Jornal da Infância* não foi pra frente, sendo fechado em junho do mesmo ano. Foi então, somente em 1905, que surgiu aquilo que é considerado o marco das publicações infantis: a revista *O Tico-Tico*.

Figura 18: O Tico-Tico, Luís Bartolomeu



Fonte: Rio Comicon¹⁸

Era de fato a segunda vida dos meninos do começo do século, o cenário maior em que nos inseríamos para fugir à condição escrava de falsos marinheiros, trajados dominicalmente com uniforme, porém sem o navio que nos subtraísse ao poderio de pais, dos tios e das escolas. E era também muito de escola disfarçada em brincadeira. (Carlos Drummond Andrade, apud Augusto, 2005, p. 6)

O depoimento dado por Carlos Drummond Andrade, acerca dos 50 anos da data da primeira publicação de *O Tico-Tico*, retrata a grandeza e a importância desta revistinha para as pessoas que conviveram nos anos áureos de sua publicação.

A revista *O Tico-Tico* foi criada por Luís Bartolomeu, inspirada em Chiquinho, "inventado" por Loureiro. Coloca-se o termo inventado entre aspas devido ao fato de que, na verdade, Chiquinho era um retrato verossímil de um já consagrado personagem norte-americano, o pequeno burguês *Buster Brown*. Mas, apesar deste fato, toda a

¹⁸ Disponível em: <http://www.riocomicon.com.br/primeira-revista-em-quadrinhos-do-brasil-e-furtada-da-biblioteca-nacional/>. Consultado em 30 de setembro de 2012

argumentação utilizada nas histórias que cercavam Chiquinho era brasileira, e o personagem, aos poucos foi perdendo os traços característicos de um americano.

Em conclusão, além de necessário, era mesmo mais prático, e possível para a época, além de permitido, copiar as gravuras diretamente das páginas das revistas que chegavam da América ou da Europa, ou mesmo decalcá-las sobre o papel pelure. Tal cópia, pois, ou decalque, não tinha nada de "criminoso" nem era um pecado a ser escondido a todo custo. (CAGNIN, apud Vergueiro e Santos, 2005, p.32).

Esta argumentação então retira as dúvidas e críticas que possam pairar sobre a legitimidade da personagem em questão e devolve a relevância e o aspecto único e inovador de uma das mais importantes publicações de HQ's do Brasil. O primeiro desenhista a reproduzir Chiquinho em sua revista foi o italiano Angelo Agostini, mas, a personagem foi produzida por diversos outros artistas, como Augusto Rocha, Miguel Hochmann, Oswaldo Storni, Paulo Affonso, entre outros.

Figura 19: O Tico-Tico, Luís Bartolomeu



Fonte: Guia dos Quadrinhos¹⁹

O Tico-Tico saía em tiragem semanal, todas às quartas-feiras no período da tarde, sendo uma publicação da revista carioca O Malho. Sucesso imediato, Chiquinho e os outros personagens que compunham a trama, como o Dr. Sabetudo, o Vovô, Zé

¹⁹ Disponível em: http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=9852. Consultado em 30 de setembro de 2012

Macaco e Kaximborn, influenciaram cerca de três gerações, compostas por pessoas de diferentes faixas etárias.

Apesar de ser direcionada ao público infantil, a linguagem utilizada na revista O Tico-Tico não subjugava a capacidade de apreensão deste público, muito pelo contrário, ela valorizava o poder elevado de compreensão das crianças, e com isso, tanto a linguagem quanto os assuntos abordados nas revistinhas agradavam também ao público mais velho.

O Tico-Tico, partindo do uso de uma comunicação através de quadrinhos, apresentava-se sob dois pilares principais: educação e diversão. Com estes pontos-chave, visava colaborar com o entretenimento e a formação das crianças brasileiras no início do século XX. Boas maneiras, ciências, adivinhações, curiosidades, higiene pessoal e até mesmo política, eram alguns dos temas abrangidos nas peripécias de Chiquinho, o que, de modo geral, colaborava para o desenvolvimento intelectual dos leitores.

A primeira revista de quadrinhos do Brasil, apesar de ter sido um sucesso de público recebia diversas críticas de pais, professores e intelectuais da época, que de modo geral, viam os quadrinhos de forma pejorativa. Mas, o material lúdico, a arte gráfica de excelência, a linguagem e temáticas abrangentes contribuíram para que a mesma fosse estruturada sob uma ampla capacidade de abordagem, fazendo com que O Tico-Tico fosse publicado por 56 anos e influenciasse a sociedade brasileira por um longo período.

2.3.2. Situação Histórica no período de surgimento dos quadrinhos no Brasil

O surgimento dos quadrinhos no Brasil, como relatado anteriormente, data de final do século XIX e início do século XX. Este período é considerado como de turbulência para a história do país, uma vez que simboliza mudanças nas estruturas políticas, sociais e econômicas. Com a abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888, e a Proclamação da República em 1899, o poder, que antes se concentrava na oligarquia açucareira, passou ao domínio da oligarquia cafeeira, sendo São Paulo e Minas Gerais as principais potências econômicas do país.

Não se pode afirmar, porém, que a democracia era plenamente praticada no Brasil nessa época. O domínio econômico garante aos poderosos Estados também o domínio político; entre diversos fatores, destaca-se sua expressiva representação na Câmara. A Constituição de 1891 garantia aos Estados mais povoados um número proporcional de deputados, logo, São Paulo e Minas Gerais possuíam as bancadas mais fortes.

Apesar do voto universal, até 1930, nove dos presidentes eleitos eram de São Paulo ou Minas Gerais, e isso não era uma coincidência. Nessa época se desenvolveu o “coronelismo”. Apesar do nome, os coronéis não tinham vínculos militares e não necessariamente eram latifundiários. Eram “representantes” da oligarquia estadual nos municípios, já que a falta de politização do povo permitia que o voto fosse visto como uma mercadoria.

Os coronéis, por meio de falsificações eleitorais diversas, garantiam que seu candidato obtivesse os votos necessários a sua eleição, e quanto mais votos conseguisse, maior seria seu reconhecimento e força. Em troca do apoio político, os eleitos concediam favores aos coronéis, como verba para seu município, por exemplo, o que por sua vez solidificava seu poder e garantia seus interesses pessoais.

Esse período de grande poder do mercado cafeeiro e sua consequente dominação política ganhou o apelido de “República do Café com Leite”, em referência aos Estados de São Paulo, maior produtor de café, e Minas Gerais, maior produtor de leite. Isso implica em uma atuação limitada dos partidos nacionais, que se vêem submetidos ao poder da oligarquia cafeeira.

As mudanças nas estruturas e na vida de pessoas da elite eram nítidas, mas, a base da sociedade continuava a mercê dos interesses dos mais poderosos, e os escravos, que não eram mais escravos, sofriam com o descaso e o abandono, uma vez que a libertação não significou a tentativa de inserção destes indivíduos como parte da sociedade.

Com isso, a distração e o entretenimento eram vistos como pontos de fuga para cidadãos que, apesar de na teoria serem livres e usufruírem da democracia, viam-se apenas como marionetes de uma elite em declínio (a açucareira) e outra elite em ascensão (a cafeeira).

2.3.3 Cartunistas contemporâneos a Maurício de Sousa

Um dos principais nomes, quando se pensa em *cartoon* no Brasil é Maurício de Sousa. Mas, além dele, muitos são os profissionais da área que criaram, inovaram, arriscaram e contribuíram para a aceitação das HQ's no Brasil.

Monteiro Filho, Fernando Dias da Silva, Belmonte, Messias de Mello, Renato Silva, Jayme Cortez, Ney Penteadado, Zaé Júnior, Jerônimo Monteiro, Ziraldo, Álvaro de Moya, José Geraldo, Nico Rosso, Roberto Portela, Getúlio Delphin, José Lanzelotti, Flávio Colin, Jaguar, Millôr Fernandes e inúmeros outros nomes compõem uma lista gigantesca de artistas brasileiros que atuaram no desenvolvimento dos quadrinhos, seja através da criação de personagens nacionais, seja a partir da retratação de personagens já consolidados no exterior.

Figura 20: *cartoon Jaguar*



Fonte: Universo HQ²⁰

O empenho e o alto nível dos cartunistas brasileiros permitiram o pioneirismo do país na área das HQ's quando um grupo composto por amantes do cinema e dos *cartoons* decidiu organizar a 1ª Exposição Internacional das Histórias em Quadrinhos. O evento aconteceu em 18 de julho de 1951 em um bairro de São Paulo conhecido como Bom Retiro.

Esta iniciativa foi liderada por Álvaro de Moya, que contou com a colaboração de Jayme Cortez, Miguel Penteadado, Lyba Frydman, Syllas Roberg e Reinaldo de Olibveira. Nesta exposição, foram apresentados trabalhos de artistas mundialmente

²⁰ Disponível em: http://www.universohq.com/quadrinhos/2010/n26032010_04.cfm. Consultado em 30 de setembro de 2012

conhecido, como Will Eisner e artistas que estavam iniciando sua carreira, como Maurício de Sousa e Ziraldo.

Apesar do sucesso do evento e do pioneirismo demonstrado pelos organizadores, expositores e participantes do mesmo, o Brasil não era um território consolidado para os que decidiam viver de *cartoon*, o que implicava no fato de que, os cartunistas brasileiros tinham a necessidade de atuar em outros segmentos, como a publicidade, o jornalismo e a academia.

Entretanto, apesar da popularidade dos quadrinhos no país, é também importante ressaltar que a predominância de produtos oriundos na indústria de quadrinhos norte-americanos representou, de várias formas, grandes obstáculos para a sobrevivência tanto da arte como dos próprios autores de quadrinhos no Brasil. (VERGUEIRO, p.37, IN: Vergueiro e Santos, 2011)

No ramo das historietas voltadas ao público infantil, deve-se destacar alguns cartunistas que desenharam para *Sesinho*, *Vida Infantil* e *Cruzeiro*, que lançou um marco das edições infantis brasileiras: *Pererê*, de Ziraldo.

a Editora O Cruzeiro iniciou a publicação da revista em quadrinhos *Pererê*, que trazia histórias de um grupo de personagens organizados em torno do Saci Pererê, um personagem do folclore brasileiro que foi retratado nos quadrinhos como uma criança, de autoria de Ziraldo Alves Pinto, que posteriormente viria a se tornar um dos mais conhecidos artistas gráficos do país, com dezenas de livros infantis, charges, publicações em jornais, quadrinhos, etc. (VERGUEIRO, p. 27, IN: Vergueiro e Santos, 2011)

Figura 21: Pererê, Ziraldo



Fonte: Clube dos Entas de Catanduva²¹

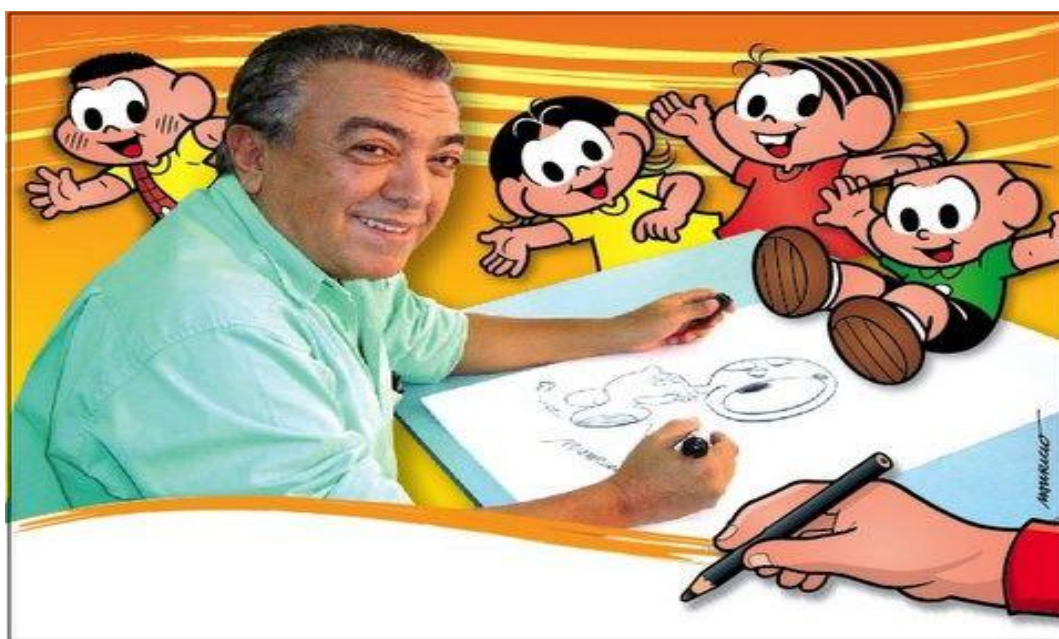
²¹ Disponível em: <http://clubedosentadecatanduva.blogspot.com.br/2011/09/primeira-revista-em-quadrinhos.html>. Consultado em 30 de setembro de 2012

Independentemente do gênero citado, o que se pode afirmar é que o Brasil apresentava, em meados de 1950, um quadro imenso de profissionais talentosos voltados à criação e desenvolvimento de *cartoons*. Revistinhas, tiras em jornais e outros veículos de comunicação recebiam as histórias em quadrinhos, mas, foi a partir da criação de uma lei federal de 1963, obrigando a publicação de historietas brasileiras que o mercado passou a se expandir e ser mais "receptivo" às HQ's nacionais, sendo este, um momento bastante explorado pelo já citado Maurício de Sousa.

3.0. Turma da Mônica

3.1 Maurício de Sousa

Figura 22: Maurício de Sousa, Brunella Nunes



Fonte: Trash 80's²²

Maurício de Sousa, filho de Antônio Maurício de Sousa e Petronilha Araújo de Sousa, nasceu em 27 de outubro de 1935 em uma cidade do interior de São Paulo, Santa

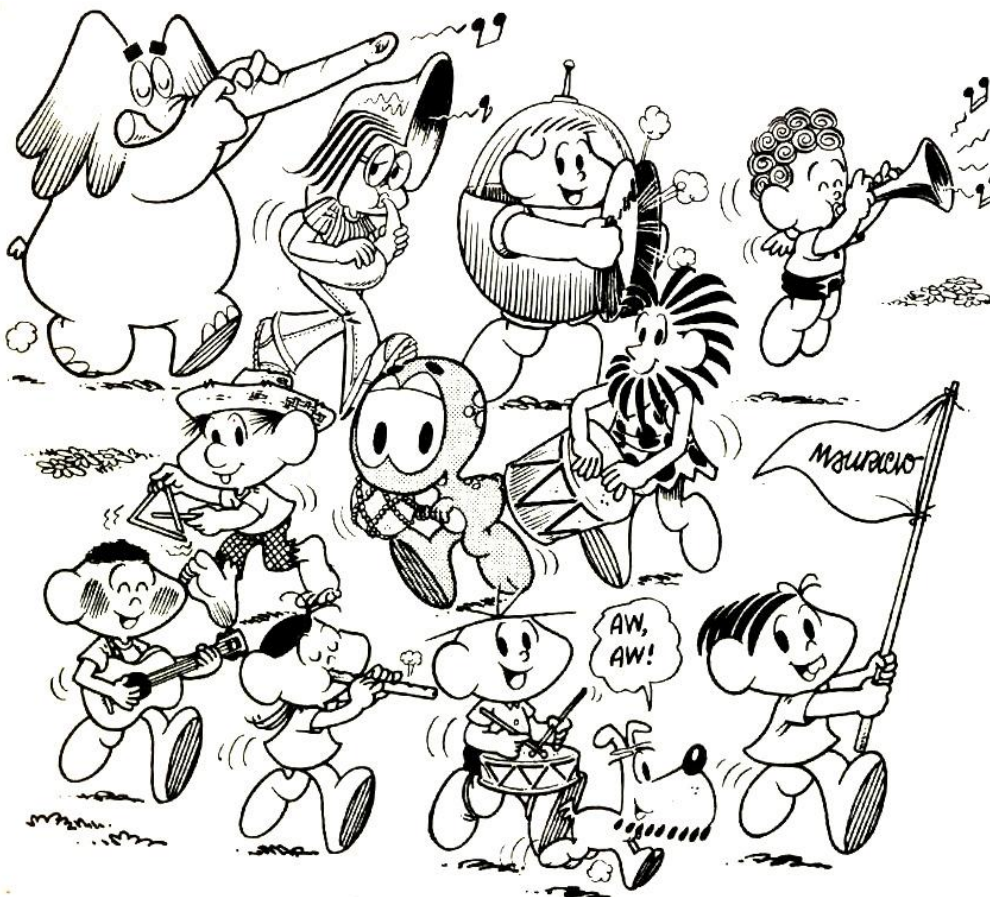
²² Disponível em: <http://www.trash80s.com.br/2010/07/mauricio-de-sousa-ganha-sua-primeira-expo-em-sao-paulo/>. Consultado em 07 de outubro de 2012.

Isabel. Morou em sua cidade natal e em Mogi das Cruzes ainda quando criança, e mesmo antes de sair deste período mudou-se com a família para a cidade de São Paulo.

Iniciou sua carreira fazendo ilustrações para jornais de Mogi das Cruzes, e ainda jovem, começou a trabalhar como repórter policial na Folha da Manhã, onde desenvolveu esta função por cinco anos. Mas, seu grande objetivo e sonho era dedicar-se inteiramente à carreira de desenhista profissional.

Foi então, no ano de 1959 que Maurício de Sousa criou uma série de tirinhas compostas por um cão e seu dono, respectivamente chamados de Bidu e Franjinha, e as historietas passaram a ser publicadas diariamente no jornal Folha. As tiras cresceram rapidamente, e, em 1961, Maurício passa a distribuir personagens e histórias em quadrinhos em jornais de todo o país.

Figura 23: Bidu, Maurício de Sousa



Fonte: MOYA, 1986, p.204²³

²³ Consultado em 07 de outubro de 2012

Bidu (1959), de Maurício de Sousa. Primeira tirinha publicada pela Folha de São Paulo, inaugurando a galeria de tipos de Maurício, que viria a ser o absoluto criador de maior resposta popular no Brasil, com merchandise, revistas, tiras de jornais (em distribuição e estilo norte-americana), televisão, cinema, publicidade, brinquedos e sendo conhecido pela quase totalidade das crianças brasileiras. Um fenômeno. (MOYA, 1986, p.204)

Ainda antes desta distribuição em massa, no ano de 1960, surge Cebolinha, um dos personagens principais da Turma da Mônica, e, em 1963 nasce a personagem que dá nome à Turma, a própria Mônica. É neste mesmo ano que, juntamente com a jornalista Lenita Miranda de Figueiredo, Maurício criou a Folhinha de São Paulo, uma seção de jornal inteiramente dedicada ao público infanto-juvenil.

Com o tempo, Maurício de Sousa decide lançar revistinhas em quadrinhos, os gibis, que levam diversas historietas de seus personagens, sendo que, em 1970, a revistinha da Mônica já é lançada com uma tiragem elevada.

Poucos anos depois do lançamento de sua primeira revista em quadrinhos pela Editora Abril, seus personagens já estavam ultrapassando em vendas as revistas em quadrinhos da Disney, tornando Maurício de Sousa o mais bem sucedido quadrinhista brasileiro no mundo. (VERGUEIRO, p.40, IN: Vergueiro e Santos, 2011)

Com o tempo seus personagens ganham mais admiradores e Maurício de Sousa consolida-se no mercado dos quadrinhos, sendo inclusive, o único cartunista da época a viver somente de quadrinhos. A fim de expandir o negócio, Maurício de Sousa abriu o estúdio de animação Black & White, em 1980. Mas, devido às conjunturas econômicas do período, o mesmo não sobreviveu.

Figura 24: Turma da Mônica, Maurício de Sousa



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5122

Fonte: Leia Primeiro²⁴

²⁴ Disponível em: http://leiaprimeiro.blogspot.com.br/2010_04_01_archive.html. Consultado em 07 de outubro de 2012.

Neste período, com a invasão dos desenhos japoneses no Brasil, caíram as tiragens produzidas por Maurício de Sousa, mas, esta crise termina e a Turma da Mônica é adaptada para o cinema, televisão, videogames e muitos outros veículos de comunicação, que alteram o formato de divulgação, mas mantém as mensagens originais de cada historieta.

O cartunista investe ainda no licenciamento de produtos, o que se deve essencialmente ao forte vínculo de trabalho em equipe constituído e estimulado por Maurício, sendo a Maurício de Sousa Produções a empresa responsável pela publicação de seus trabalhos.

Em 13 de maio de 2001 o desenhista tomou posse na Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira 24. Maurício de Sousa, além de ser visto como defensor e até mesmo pioneiro do que se refere a modalidades de quadrinhos no Brasil, é hoje um cartunista internacionalmente reconhecido, sendo que suas historietas e seus produtos podem ser encontrados em cerca de 120 países.

Figura 25: Turma da Mônica, Maurício de Sousa



Fonte: JB Online²⁵

²⁵ Disponível em: <http://www.jblog.com.br/quadrinhos.php?itemid=22526>. Consultado em 10 de outubro de 2012.

3.2 Surgimento

A primeira publicação de Maurício de Sousa deu-se, como já relatado anteriormente, no ano de 1959 com a tirinha que tinha como personagem central o cãozinho Bidu. Diversos outros personagens surgiram e ganharam espaço em tiras diárias de jornal - Piteco, Chico Bento, Penadinho, Cebolinha - e páginas semanais - Horácio, Rapozão e Astronauta.

Figura 26: Bidu, Maurício de Sousa



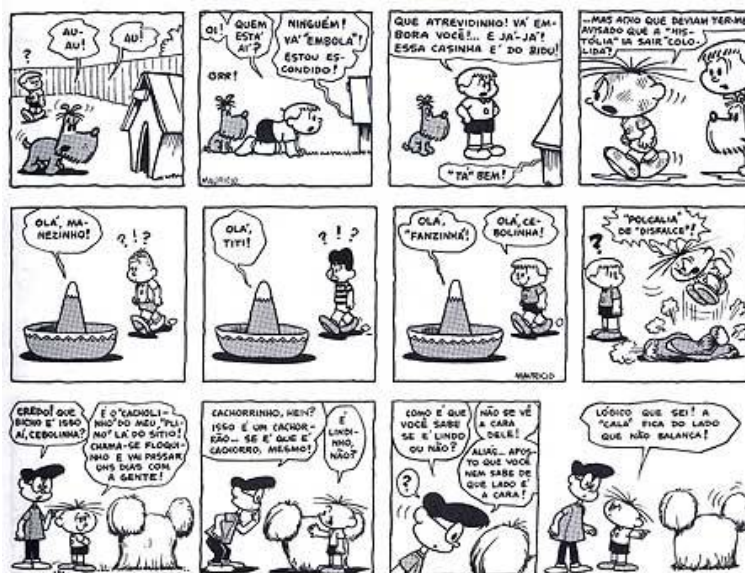
Fonte: 3 MG's Brasil²⁶

²⁶ Disponível em: <http://www.3mgsbrasil.com.br/2012/06/mauricio-de-souza-diz-lanca-em-seu.html>. Consultado em 07 de outubro de 2012

No ano de 1960 Maurício de Sousa lança, através da Editora Continental, o primeiro gibi do quadrinhista: Bidu. O mesmo não alcançou muitas tiragens, mas pode-se dizer que foi o início de uma nova era dos quadrinhos infantis no Brasil, dando margem a inúmeros outros personagens que seriam criados pelo cartunista. " *Foi assim que este autor pode publicar a revista Bidu, em preto e branco, que teve poucos números mas representou o início de uma grande trajetória artística e empresarial, abrindo as portas para uma extensa galeria de personagens.*", afirma Waldomiro Vergueiro em seu artigo A Odisséia dos quadrinhos infantis brasileiros: Parte 2: O domínio de Maurício de Sousa e a Turma da Mônica, publicado na Revista Eletrônica Agaquê.

Ainda em 1960, Maurício de Sousa cria um dos personagens, que ganha as tirinhas, e que posteriormente iria compor a Turma da Mônica: Cebolinha. Apesar da aceitação desta tirinha por parte do público, foi somente em 1963 que a mesma começou a despontar e ganhar muitos adeptos. Esta data não se deve ao acaso, sendo que a principal personagem da Turma da Mônica, a própria Mônica, surge neste ano e rouba a cena do garotinho que tem apenas cinco fios de cabelo.

Figura 27: Turma da Mônica, Maurício de Sousa



Fonte:Comunique-se²⁷

²⁷ Disponível em: Disponível em: <http://www.3mgsbrasil.com.br/2012/06/mauricio-de-souza-diz-lanca-em-seu.html>. Consultado em 07 de outubro de 2012.

Maurício de Sousa organizou um sistema de distribuição de suas historietas que alcançava jornais de diferentes partes do Brasil, mas, foi somente no ano de 1970 que uma grande editora aceitou publicar seus personagens. Neste ano, a Abril começou a publicar as revistinhas da Mônica, que já foram lançadas com uma tiragem de 200 mil exemplares.

Em poucos anos, com essa larga família de personagens provavelmente a maior na história dos quadrinhos brasileiros -, Maurício de Sousa, aos poucos, foi capaz de reverter a preferência das crianças brasileiras. Em 1973, a revista Mônica vendia 195.000 exemplares, um número que cresceu para 262.000 em 1978; ao mesmo tempo, a revista Tio Patinhas decrescia sua circulação de 484.000 para 354.000 exemplares. (Cirne, 1979, p. 34).

O sucesso desta revistinha fez com que a Abril decidi-se então publicar outras obras do autor. A revista da Mônica foi seguida pelo surgimento das revistinhas do Cebolinha (1973), Cascão (1982) e Chico Bento (1982). Em poucos anos, a Turma da Mônica já era entendida como a principal historieta dedicada ao público infantil no Brasil, com tiragens que superavam às marcas registradas pelas revistas da Disney, até então vistas como o maior sucesso de quadrinhos infantis no Brasil e no mundo.

A diferença a favor dos títulos de Maurício apenas cresceu nos anos seguintes, mesmo depois que ele se mudou para outra editora, passando a apresentar uma relação totalmente diversa à que acontecia na década de 70: em janeiro de 1998, a circulação total das revistas Disney no Brasil era de apenas 15% dos títulos de Maurício. (Santos, 1998, p. 281).

No ano de 1987, a Turma da Mônica deixa de ser publicada por sua editora original e passa então a ser produzida pela Editora Globo, e atualmente, o direito de publicação desta turminha pertence à Panini Comics.

Um dos artifícios utilizados por Maurício de Sousa para não apenas consolidar o surgimento da Turma da Mônica, mas assegurar a excelente repercussão de suas histórias foi a universalidade de seus personagens. Com características vistas sob a ótica da atemporalidade, como brincadeiras e roupas que podem remeter a crianças de diversas regiões do Brasil e do mundo.

Durante os anos 80, em uma pesquisa de mestrado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, uma análise das histórias publicadas na revista Mônica não trouxe qualquer referência ao local em que elas ocorriam, bem como qualquer outro elemento que pudesse ser descrito como característico da cultura brasileira. (Vergueiro, 1985, s/p, apud Vergueiro).

Além disso, nota-se a colocação de características que remetem a conjunturas externas, exigindo assim, que o leitor dos quadrinhos esteja atento a elementos da atualidade para compreender as piadas e sátiras feitas nos quadrinhos, aumentando com isso a curiosidade e o interesse deste leitor pelos acontecimentos e situações que envolvem cada época.

Desde o início das revistas, nos anos 70, o quadrinhista teve uma preocupação em misturar a fantasia e o imaginário com acontecimentos reais, algo que de fato pudesse acontecer no universo infantil, para uma maior aproximação com as crianças; além de preencher as histórias com eventos atualizados de cada época. No entanto, no anseio de intertextuais foram se torando mais específicos, sofisticados, e o que se vê hoje são histórias plenas de alusões, citações, paródias e paráfrases das mais variadas fontes do mundo real: filmes, contos de fadas, clássicos da literatura universal, músicas e programas de televisão. (Verdolini, s/d, p.3)

3.3. Influências da Disney

Os quadrinhos infantis no Brasil são provavelmente a área de maior desenvolvimento e reconhecimento da chamada Nona Arte, sendo Maurício de Sousa o cartunista mais forte e atuante deste segmento.

No que diz respeito aos quadrinhos infantis, entretanto, o maior sucesso brasileiro é sem dúvida a produção criativa do já mencionado Maurício de Sousa, responsável por um grupo de personagens que se tornaram popular e universalmente conhecidos das crianças brasileiras. (VERGUEIRO, p.40 IN: Vergueiro e Santos, 2011)

Este grupo de personagens citado anteriormente é o que completa a famosa Turma da Mônica, que não ficou conhecida mundialmente pelo acaso, mas sim, apresenta diversas semelhanças com uma das produções de quadrinhos infantis mais difundidas do planeta, os personagens e enredos de Wal Disney.

Para competir com igualdade em relação às historietas Disney, Maurício de Sousa utilizou-se de uma das principais características dos personagens de Wal Disney, a universalidade. Com isso, é possível que qualquer criança, independentemente da época ou do local de vivência, se identifique com o personagem, aumentando as chances de aceitação do mesmo e alavancando as vendas.

A partir desta preliminar da universalidade, Maurício de Sousa deixou o meio ambiente praticamente fora de suas historietas, favorecendo a descaracterização dos valores brasileiros, o que só consegue ser quebrado nas histórias de Chico Bento e Papa-

Capim, e mesmo nestas estórias, os autores mais críticos relatam uma “falsa” aproximação destes valores.

Chico Bento e Papa-Capim, em princípio, respondem à brasilidade comprometida com a realidade cultural do país. Mas só em parte tem-se obtido tal coisa; ora, pelo desenho de igual modo reduplicador; ora, pelas tramas em si. Já o índio Papa-Capim ainda não pontificou no primeiro time dos personagens de Maurício; o mesmo se diga de Cafuné e da onça Guatira. (Enquanto isso, o pretinho Jeremias, ligado à turma da Mônica, continua sendo um personagem absolutamente secundário.) E Pelezinho? Como o Pelé da vida real que nos maravilhou a todos com seu futebol mágico -, estamos diante de um negro de alma branca. Decerto, não é por aí que conseguiremos superar o racismo existente no Brasil. Ao contrário, apenas reforçá-lo-á. (Cirne, 1982, p. 82-3, apud. Vergueiro)

A assinatura Wal Disney e Maurício de Sousa também é um ponto bastante tocante no que diz respeito às semelhanças e influências que o primeiro exerceu no segundo, uma vez que por décadas e décadas as produções Disney, mesmo quando feitas em outros países recebiam a assinatura de Wal Disney, sendo no caso de Maurício de Sousa isso é verificado até mesmo na atualidade.

Entretanto, no caso da Turma da Mônica, ao contrário do que é verificado nos quadrinhos de Wal Disney, existe uma padronização de enredo e desenho dos personagens, sucumbindo assim, os traços de cada artista. Neste caso, os nomes dos roteiristas aparecem na última página de cada revistinha, sem que haja alusão à estória produzida por cada um.

Em entrevista concedida à página Beco das Imagens, Maurício de Sousa comenta:

“hoje tenho uma equipa, eles trabalham tão bem que eu só preciso dar algumas orientações. O resto praticamente já não preciso de ver. E, se houver alguma falha, alguma coisa errada, eu vejo na versão publicada e aviso logo o responsável.” (sic)

Outro aspecto notado tanto nas historietas de Wal Disney quanto nas de Maurício de Sousa, e em muitos outros quadrinhos para ser sincera, é o fato de que o leitor não encontra o início e nem tampouco o final efetivo da mesma. É como se lessem uma história sem fim, que já foi lida anteriormente, mas onde existem aspectos que a diferenciam das demais publicações, sendo então caracterizadas como novidade. Este

fator impacta positivamente na aceitação das mesmas pelo público infantil, como relata Umberto Eco :

o mecanismo sobre o qual repousa o gozo da iteração é típico da infância, e são as crianças que pedem para ouvir não uma nova estória, mas a estória que já conhecem e que lhes foi narrada várias vezes.(ECO, 1970, p.264)

A *cartunização* dos personagens de quadrinhos infantis, que visa à universalização dos mesmos e a simplificação do modo de retratar o personagem, permite que a imaginação atue de maneira mais intensa na leitura e observação de cada historieta por seu público, seja ele criança ou já adulto. Esta *cartunização* pode ser vista nos personagens Disney quando os mesmos são animais com aspectos humanizados, ou quando, no caso da Turma da Mônica, os personagens são desenhados em seu formato mais simples, sem pés e com membros padronizados. Com isso, mais uma vez, a aceitação por parte do público fica mais fácil e nítida.

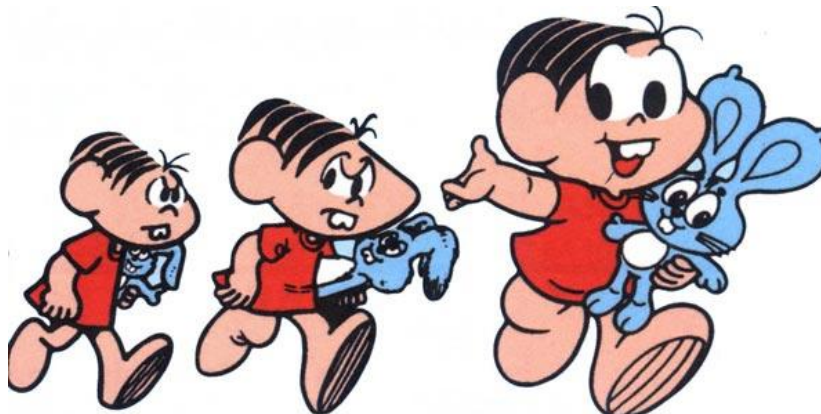
Por fim, no que tange a semelhanças e influências da Disney sobre os trabalhos de Maurício de Sousa, assim como a Disney monopolizou o mercado de quadrinhos infantis no Brasil por décadas e décadas, Maurício de Sousa monopoliza atualmente este mercado, dificultando a inserção e aceitação real e democrática de novos personagens e historietas.

3.4. Personagens Principais

A Turma da Mônica é composta por diferentes tipos de personagens, sendo os principais a própria Mônica, que dá nome ao grupo, Cebolinha, Magali e Cascão. A seguir, relata-se brevemente as características de cada um dos personagens que compõem o núcleo central da Turma.

Mônica : Mônica foi inspirada na filha de Mauricio de mesmo nome e nasceu graças a uma cobrança para que o quadrinista criasse personagens femininas.

Figura 28: Mônica, Mauricio de Sousa



Fonte: Globo.com²⁸

A personagem mais famosa de Mauricio de Sousa surgiu em 1963, nas tiras do Cebolinha que circulavam nos jornais. Em 1970, devido ao sucesso obtido, ganhou sua própria publicação e desde então é uma das mais vendidas. No começo, aparecia como a irmã mais nova do Zé Luis, mas com o passar dos anos o parentesco foi deixado para trás.

Cebolinha e Cascão a chamam de “baixinha, gorducha e dentuça” e vivem criando planos para atormentá-la e roubar seu título de “dona da rua”, utilizando como principal alvo seu coelho de pelúcia azul, Sansão. Além do coelhinho, Mônica possui um cachorro, Monicão – presente de Cascão e Cebolinha -, e circula pelo bairro do Limoeiro com seu característico vestidinho vermelho.

A filha de Mauricio, que era dona de um coelhinho amarelo, trabalha na Mauricio de Sousa Produções e ganhou seu coelhinho azul por causa da Mônica dos quadrinhos, sendo um presente da apresentadora Hebe Camargo, motivado pelo sucesso da publicação.

²⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL1209600-7084,00-PERSONAGEM+MONICA+E+NOMEADA+EMBAIXADORA+DA+CULT%20URA+DO+BRASIL.html>. Consultado em 05 de novembro de 2012.

Magali: Magali é famosa por seu apetite voraz, herdado da filha de Mauricio, que quando criança comia uma melancia inteira e originou a predileção da Magali dos quadrinhos pela fruta.

Figura 29: Magali, Maurício de Sousa



Fonte: Blog Planeta TM e TMJ²⁹

Apareceu nos quadrinhos em 1963, mas ainda sem destaque, nem mesmo para seu apetite, característica desenvolvida ao longo de sua história. Magali também ganhou um animal de estimação, o gato Mingau. Apesar de não ser alvo das implicações dos meninos, todos ficam preocupados quando Magali, em seu vestido amarelo, aparece durante um lanche. A única exceção é Quinzinho, filho do padeiro, e apaixonado por Magali.

Cebolinha : Cebolinha apareceu em 1960, como coadjuvante nas histórias de Bidu e Franjinha. Também é baseado em um conhecido de Mauricio, um garoto que conheceu em sua infância em Mogi das Cruzes e que, graças ao seu cabelo, era apelidado de Cebolinha.

Figura 30: Cebolinha, Maurício de Sousa



Fonte: R7³⁰

²⁹ Disponível em: <http://fctmetmj.blogspot.com.br/2009/09/magali-e-cascao-para-todo-o-mundo.html>. Consultado em: 05 de novembro de 2012.

³⁰ Disponível em: <http://noticias.r7.com/blogs/andre-forastieri/2010/08/02/tomas-le-o-cebolinha/>. Consultado em 05 de novembro de 2012.

É conhecido por trocar os “erres” pelos “eles” e por ter sempre um plano para derrotar a Mônica, nos quais seu melhor amigo, Cascão, está constantemente envolvido. Tem a sua própria revistinha desde 1973. Sua irmã, Maria Cebolinha, é inspirada em outra das filhas de Mauricio, Mariângela. Seu cachorro, Floquinho, é dos animais mais inusitados da turma, pois, além de ser verde, nunca se sabe onde está seu rabo e sua cabeça, já que estes são iguais.

Cascão : Cascão foi criado junto com Cebolinha, mas só apareceu em 1961, pois o autor temia que o público não entendesse a personagem, avessa a qualquer contato com água, incluindo banho.

Figura 31: Cascão, Maurício de Sousa



Fonte: Wikia³¹

Só ganhou sua própria revista em 1982, mas desde 1973 acompanhava fielmente Cebolinha em suas histórias. Com o passar dos anos, Chovinista, um porco, juntou-se a Cascão como seu animal de estimação e Cascuda, uma menina também não muito fã de água, tornou-se sua namorada.

É um garoto com aptidão para os esportes, sendo retratado como artilheiro dos jogos de futebol do Bairro do Limoeiro e também com bastante imaginação e habilidade manual, sendo o responsável pela fabricação e conserto de seus próprios brinquedos.

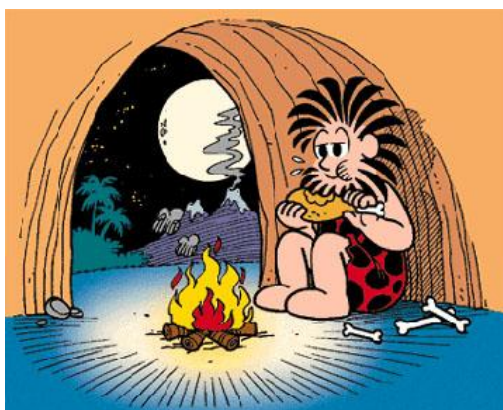
³¹ Disponível em: http://pt-br.monica.wikia.com/wiki/User_blog:CesarO/Casc%C3%A3o. Consultado em 05 de novembro de 2012.

3.5. Personagens Secundários

Como dito anteriormente, a Turma da Mônica é composta por seus personagens principais, já retratados acima e por diversos personagens secundários. Deste seu surgimento, foram criados inúmeros personagens que ajudaram e ajudam a compor aquilo que entendemos como Turma da Mônica.

Dentro das quatro revistinhas principais - Mônica, Magali, Cebolinha e Cascão - são retratadas historietas de outras turmas, como a Turma da Mata, a Turma do Penadinho, Turma do Astronauta e a Turma do Piteco. No caso destes exemplos, as histórias acontecem em um espaço/tempo diferente daquele onde ocorrem grande parte das historietas da tradicional Turma da Mônica, como o espaço sideral, a Pré-História e até mesmo o "mundo do além".

Figura 32: Piteco, Maurício de Sousa



Fonte: Men Care³²

Existem também os mais variados personagens que aparecem, ou apareceram nas historietas acompanhando os personagens centrais. Alguns deles, como o Nico Demo, não compõem as atuais histórias em quadrinhos desta Turma, enquanto outros ainda fazem parte de muitas aventuras vivenciadas no bairro do Limoeiro, como a Denise, Carminha Frufu, Capitão Feio, Franjinha, Marina, Anjinho, Dudu e o sempre lembrado como secundário Xaveco.

³² Disponível em: <http://mencare.wordpress.com/>. Consultado em 06 de novembro de 2012

Enumerar os personagens secundários da Turma da Mônica não é uma tarefa simples, uma vez que são muitos os personagens que já apareceram, ou ainda aparecerem, nas histórias da Turma.

Existem aqueles que formam a família dos personagens centrais, seus animais de estimação e, na grande maioria, seus amigos e colegas. Nota-se mais recentemente, o surgimento de personagens que retratam crianças com necessidades especiais, como Humberto, Luca e Dorinha, que apresentam respectivamente deficiência auditiva, física e visual.

Figura 33: Personagens secundários, Maurício de Sousa



Fonte: Máquina de Quadrinhos - Turma da Mônica³³

Os personagens secundários ajudam então a compor a Turma da Mônica, sendo que alguns aparecem com mais frequência nas historietas, enquanto outros tiveram participação em apenas uma única história da Turma.

³³ Disponível em: <http://www.maquinadequadrinhos.com.br/BlogItem.aspx?pagina=6&idBlogItem=33>. Consultado em 06 de novembro de 2012.

4.0 A evolução de personagens em quadrinhos

4.1. Mafalda

O autor Joaquín Salvador Lavado - QUINO - nasceu em 17 de julho de 1932, na Argentina, e trabalhou como desenhista e cartunista no mesmo país. Criou a personagem MAFALDA no ano de 1962, onde obteve muito sucesso e repercussão.

No livro “Mafalda vai à Escola (Gottlieb, L., 1996), Quino relata que nos seus desenhos, ele se rende: “... a sátira, ironizando a política, a sociedade, o matrimônio, a família, instituições, personalidades, ricos e pobres.” Quino resume a personagem MAFALDA como: “... É uma menina comum: é aquilo que nós adultos, tanto queremos ser, mas jamais poderemos alcançar. Ela é simplesmente, a franqueza perante o mundo.” (Jornal Folha de São Paulo, 1976, apud Gottlieb, L. ; 1996).

A repercussão de MAFALDA e sua temática foram tão impactantes na América Latina que em outubro de 1988, em um plebiscito realizado no Chile, a personagem MAFALDA foi utilizada como símbolo da contestação à permanência de Pinochet no poder (Gottlieb, L.; 1996).

Quino possuía o desejo de criar personagens infantis. Para inventar a MAFALDA, foi sugerido a ele inspirações em *Peanuts* - tiras de jornal escritas e desenhadas pelo cartunista norte-americano Charles Schulz, que foram publicadas de 2 de outubro de 1950 a 12 de fevereiro de 2000³⁴ e *Blondie e Dagoberto* - tiras de jornal criadas em 1930 por Chic Young que contam a história de um jovem casal apaixonado que enfrenta problemas financeiros³⁵. Quino criou uma família no estereótipo do padrão classe média, onde a filha foi nomeada MAFALDA, inspirado na personagem do filme *Dar La Cara* (Arg., 1962), a temática já era de sátira dos valores burgueses tradicionais.

³⁴ Informações extraídas do site Wikipedia, disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Peanuts> >, acessado em: 11/11/2012.

³⁵ Fonte: site Comicsando, disponível em < <http://comicsando.wordpress.com/epoca-doro/blondie/>>, acessado em 11/11/2012.

A primeira publicação de MAFALDA se deu no seminário argentino *Primeira Plana*, em 29/09/1954, e durou até 09/03/65. Em 1965, Quino cria o personagem Filipe, que nas tiras era um pouco mais velho que MAFALDA e seu vizinho de prédio. Nesse período, as tiras começaram a ser publicadas no jornal argentino *El Mundo*, e posteriormente no jornal regional argentino de Santa Fé – *El Litoral*. Nesses jornais, Quino tratava de temas da atualidade criar as histórias das tiras.

Figura 34: Mafalda, Quino



Fonte: Blog Contra machismo³⁶

No mesmo ano de 1965 surge o personagem Manelinho, representando a figura de um imigrante espanhol na Argentina, que possui um pequeno comércio e Suzaninha, ambos colegas de classe de MAFALDA. Surge também o personagem Miguelito.

No ano de 1967, MAFALDA recebe um irmãozinho – Guilherme, ou apenas Gui, representado nas tiras ainda no berço. Em 1968, as tiras passam a ser publicadas no semanário *Siete Días*. E em 1970, aparece a personagem Liberdade, uma menina minúscula, intelectual e de visão política esquerdista. Em 25/06/1973 Quino publica as últimas tiras de MAFALDA.

³⁶ Disponível em: <http://contramachismo.wordpress.com/2011/10/15/democracia-real-mafalda-explica/>. Consultado em 07 de novembro de 2012.

Quino deixou de desenhar a MAFALDA no ano de 1973, sendo a última tira publicada em 25 de junho do mesmo ano. Este fato deve-se, provavelmente, devido à temática das suas historietas, uma vez que o autor afirma ter finalizado MAFALDA porque, além do cansaço de 10 anos de trabalho com a personagem, os militares argentinos da época não permitiriam a continuidade das ilustrações. (Jornal da Tarde, 30/08/1988 apud Gottlieb, L; 1996).

Figura 35: Mafalda, Quino



Fonte: C/Lado B³⁷

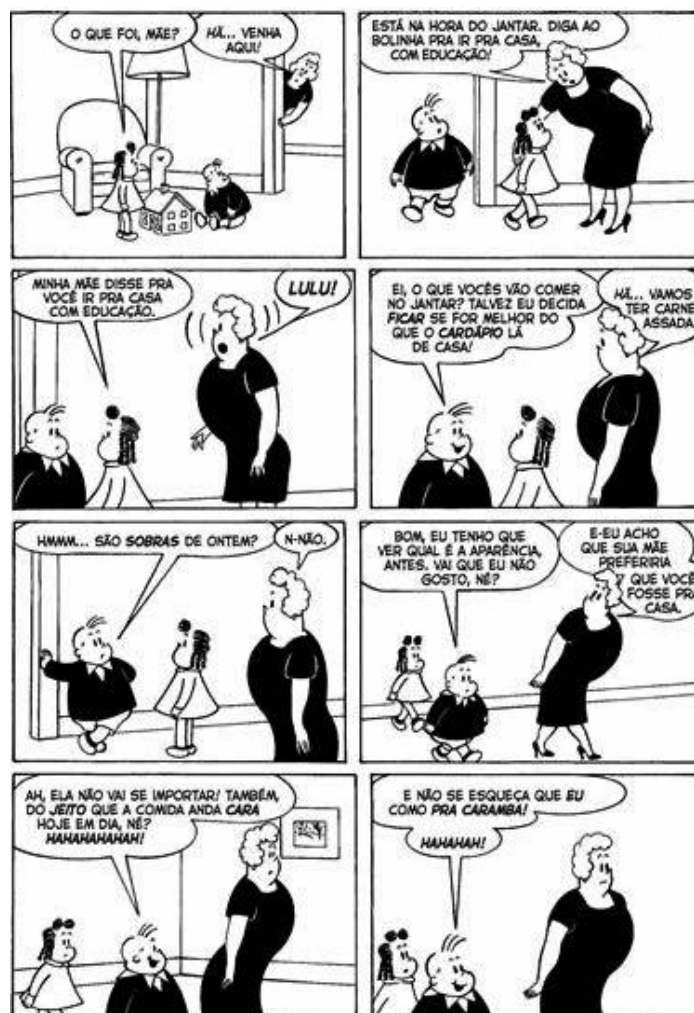
Apesar de não haver uma continuidade na publicação das histórias de MAFALDA, nem tampouco uma evolução da personagem, livros que concentram diversas tirinhas da mesma e até mesmo republicações de suas tiras são bastante comuns e atuais.

³⁷ Disponível em: <http://c2ladob.wordpress.com/tag/mafalda/>. Consultado em 07 de novembro de 2012.

4.2. Luluzinha

Little Lulu, popularmente conhecida no Brasil como Luluzinha, foi criada pela norte-americana Marjorie Henderson Buell e teve sua primeira aparição no ano de 1935, no jornal *Saturday Evening Post*, em formato de tirinha. Mas, apesar da personagem ser de autoria de Marge, foram os quadrinhistas John Stanley e Irving Trupp quem desenvolveram grande parte das historietas de Luluzinha, além de elaborarem a maioria dos personagens que compõem o universo da menina, como Glória, Aninha, Calvinho e Carequinha.

Figura 36: Luluzinha, Marge



Fonte: Web Byly³⁸

³⁸ Disponível em: <http://webbyly.blogspot.com.br/2010/03/luluzinha.html>. Consultado em 07 de novembro de 2012.

A garotinha de cabelos cacheados, vestido vermelho e bochechas rosadas apresenta um temperamento bastante marcante, ainda mais para a época de lançamento, sendo muitas vezes vista como um símbolo da emancipação feminina e das conquistas do gênero da primeira metade do século XX.

A trama de suas historietas está especialmente pautada na rivalidade que cerca meninas e meninos na faixa etária dos personagens desta série, entre 7 e 10 anos, sendo a turma das meninas liderada por Luluzinha e dos meninos por Bolinha. Deste modo, os personagens estão sempre cercados por muitas aventuras e muitas confusões.

Figura 37: Luluzinha, Marge



Fonte: Jornal do Brasil - Quadrinhos³⁹

O sucesso destes quadrinhos foi enorme, sendo que suas revistinhas foram, e ainda são, traduzidas para diversos idiomas e distribuídas em diferentes países. Isto levou os personagens às telas, gerando assim, desenhos animados. A série de desenhos mais popular no país foi transmitida durante os anos de 1990, pela Rede Globo.

No Brasil o sucesso de Luluzinha foi imenso e duradouro, acompanhando assim, o crescimento de diversas gerações de leitores. Mas, com o tempo, notou-se um enfraquecimento desta personagem, o que levou à redução das tiragens e publicações. Pode-se apreender uma possível estagnação de suas em terras brasileiras, o que levou à necessidade de evolução da mesma, que cresceu, e foi então lançada em formato *teen*.

³⁹ Disponível em: <http://www.jblog.com.br/quadrinhos.php?blogid=84&archive=2010-08>. Consultado em 08 de novembro de 2012.

O lançamento de Luluzinha e sua Turma - *Teen* ocorreu no ano 2000, sendo as revistinhas agora apresentadas em um formato voltado ao público jovem, com personagens e temáticas próprias para esta faixa etária. Neste novo formato, a rivalidade entre meninos e meninas perde a relevância, e o a convivência e consequências desta convivência, como amizades, namoro e até mesmo algumas intrigas compõem o novo universo de Luluzinha.

Figura 38: Luluzinha, Marge



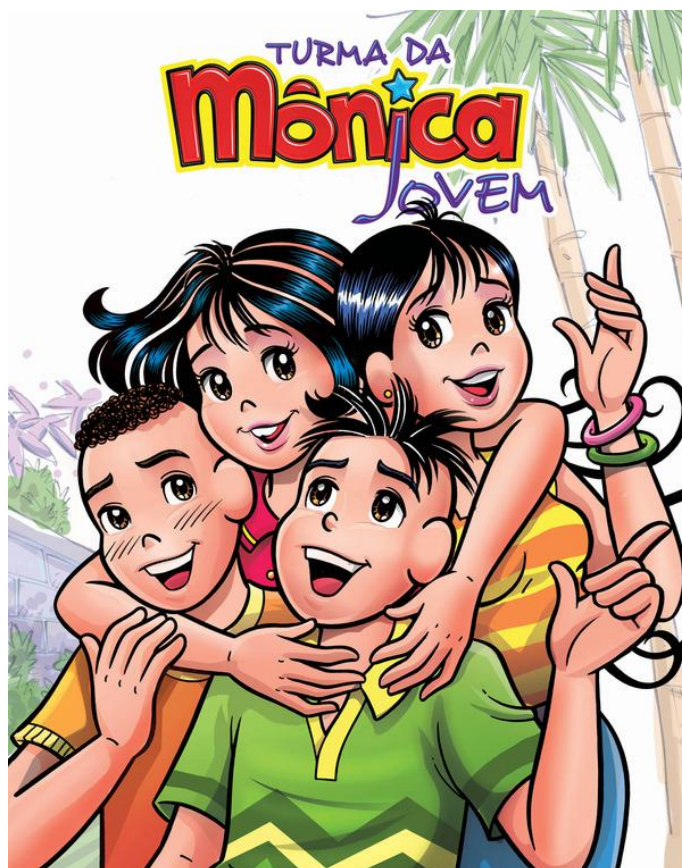
Fonte: Blog Gibizada⁴⁰

⁴⁰ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/gibizada/posts/2009/06/05/uma-mensagem-da-turma-da-lulu-atualizado-192819.asp>. Consultado em 08 de novembro de 2012.

4.3. Turma da Mônica Teen

A Turma da Mônica Jovem foi lançada em julho de 2008 e vista como o maior lançamento de quadrinhos da década. Neste novo formato, a revistinha da Turma da Mônica retrata os personagens já conhecidos do público, porém em formato de adolescentes. Nota-se então uma mudança nas estruturas físicas e até mesmo comportamentais dos personagens, sendo que, as características vistas como marcantes das personagens centrais em modelo infantil são agora atenuadas.

Figura 39: Turma da Mônica Teen, Maurício de Sousa



Fonte: Material Girls⁴¹

Na primeira revista da Turma da Mônica Jovem - Eles Cresceram! existe uma breve apresentação dos personagens principais em idade de adolescentes. A seguir, relata-se estes textos de apresentação dos personagens principais:

⁴¹ Disponível em: <http://blogdoxandro.blogspot.com.br/2008/11/turma-da-mnica-jovem-em-eu-cresci.html>. Consultado em 08 de novembro de 2012.

Mônica: a Mônica cresceu, mas continua meiga, alegre e um pouco dentucinha. Ainda é líder da Turma, não só pelo seu caráter forte, mas também por sua personalidade cativante e verdadeira, mostrando-se uma menina super segura e madura. Romântica incorrigível, ainda tem, desde a infância, uma quedinha por um amigo que costumava trocar uma letra. (SOUSA, 2008, p.1)

Cebolinha: Cebolinha agora prefere ser chamado simplesmente de "Cebola". Continua um garoto esperto e muito inteligente. O cabelo finalmente cresceu, mas mantém a velha forma, com mais cabelos. Ser o dono da rua é coisa do passado e hoje ele quer conquistar o mundo com seus projetos e planos para um planeta melhor. Não troca mais os "erres" pelos "eles", pois fez um tratamento para dislalia, se bem que de vez em quando dá seus escorregões, principalmente na frente de meninas e ... de uma em especial. (SOUSA, 2008, p.1)

Cascão: Cascão é o "cara". É um garoto muito descolado, que adora praticar esportes ... Quanto mais radical, melhor. *Skate* é um dos seus preferidos, junto com a moda *street* que ele adotou. Banho? Sim, os tempos são outros, ele toma, apesar de continuar não gostando muito. É que hoje em dia a opinião das garotas parece surtir mais efeito na cabeça dele, mas o seu lado bagunceiro ainda fala mais alto, para desespero de sua mãe. (SOUSA, 2008, p.2)

Magali: Magali ainda é a menina meiga e delicada que conhecemos, mas uma coisa mudou: a sua forma de comer. Gulosinha? Sim, mas agora ela cuida bem mais do corpo, preocupando-se com a alimentação, praticando esportes e dando graças por não engordar facilmente. Continua aquela amiga supercarinhosa que adora gatos, para desespero de seu pai, já que a família dos felinos na casa aumentou depois que Mingau se casou com Aveia. (SOUSA, 2008, p.2)

Além desta diferenciação da estrutura física dos personagens, a Turma da Mônica Jovem aborda novas temáticas e surge em um novo estilo de quadrinhos: o mangá.

Figura 40: Turma da Mônica Teen, Maurício de Sousa



Fonte: Peaga Blog⁴²

⁴² Disponível em: <http://blog.peaga.art.br/turma-da-monica-jovem-manga-brasileiro/>. Consultado em 08 de novembro de 2012.

O mangá é um estilo de quadrinhos originado no Japão, e sua expansão no Brasil deve-se, segundo Luyten (s/d) à grande parcela de descendentes japoneses no Brasil e a política de expansão dos bens culturais do Japão. Em território brasileiro, os mangás surgem maciçamente na década de 1990, sendo que, no início da década, apareceram como consequência de boletins de entidades ou associações de mangás já existentes em território nacional, como a Associação Brasileira de Desenhistas de Mangá e Ilustrações (ABRADEMI). Já, em meados dos anos 90 houve uma expansão deste estilo de revistas de todos os tipos, contendo historietas, reportagens e até mesmo com cursos de mangás.

Figura 41: Turma da Mônica Teen, Maurício de Sousa



Fonte: A Tarde⁴³

Por fim, além destas mudanças na composição dos personagens e do estilo de apresentação da revistinha, nota-se uma introdução de novas temáticas nas historietas da Turma, que agora, devem acompanhar a realidade vivida por adolescentes. Namoro, bullying, temáticas voltadas ao universo estudantil, como provas e relação aluno-professor, festas noturnas e até mesmo aniversário de 15 anos.

⁴³ Disponível em: <http://literatura.atarde.uol.com.br/?tag=turma-da-monica-jovem>. Consultado em 08 de novembro de 2012.

5.0 – Pesquisa

Este capítulo será dedicado à uma pesquisa de caráter exploratório, a ser realizada em forma de entrevista individual, com o objetivo de verificar e identificar a recepção do crescimento dos personagens da Turma da Mônica pelo público que conviveu com os personagens em sua fase infantil. A partir da coleta dos dados visa-se perceber se ocorreu, ou não, uma boa aceitação deste novo formato, onde os personagens deixam de ser crianças e passam a atuar como adolescentes, o que implica não apenas na mudança física dos personagens, mas também, na temática desenvolvida em suas historietas.

Deste modo, as entrevistas a serem realizadas poderão contribuir para o entendimento prático desta realidade que agora é vivenciada pelos personagens da Turma da Mônica.

Problema da Pesquisa

A revista *Turma da Mônica Jovem* foi bem recebida pelos leitores que já estão na idade adulta?

Pressupostos

- O público selecionado não aceita o novo formato dos personagens e nem tampouco as novas temáticas vivenciadas pelos mesmos.
- O público aceita tanto os personagens em formato adolescente quanto as novas temáticas vivenciadas pelos mesmos.
- O público aceita o novo formato dos personagens, mas não se adapta ao vê-los inseridos nas temáticas que cercam o mundo dos adolescentes.
- O público aceita as temáticas do universo adolescente, mas não consegue associar os personagens à essa nova realidade.

Objetivo Geral

Identificar a opinião dos entrevistados sobre o crescimento dos personagens da Turma da Mônica, que agora existem em formato “teen”.

Objetivos Específicos

- Identificar a aceitação dos personagens da Turma da Mônica *teen* por parte do público entrevistado;
- Identificar a aceitação das temáticas que cercam o universo dos adolescentes e que agora são vivenciadas pela Turma da Mônica em seu novo formato.
- Identificar a receptividade do novo formato de apresentação da Turma da Mônica, o mangá.
- Coletar a opinião do entrevistado sobre a boa ou má aceitação da Turma da Mônica Jovem.

5.1. Metodologia da Pesquisa

Delimitação do Universo

O universo da pesquisa será composto por jovens que leem regularmente os gibis da Turma da Mônica e que ao longo de sua infância e adolescência tiveram contato apenas com os personagens somente no universo infantil, recebendo a versão no formato *Teen* somente quando já estavam na idade adulta.

Este público foi escolhido como universo da pesquisa pois, constituiu uma relação sólida com os personagens da Turma da Mônica em formato regular, recebendo-os como adolescentes quando a concepção de historietas da Turma já estava totalmente formada.

Delimitação da Amostra

Para a composição da amostra, entendida como uma parte selecionada do universo, utilizou-se a técnica de seleção aleatória, sendo que esta amostra será composta por cinco entrevistados.

Os selecionados para a aplicação da pesquisa deverão ter entre 18 e 30, apresentarem contato regular tanto com a versão original das revistinhas (na infância) quanto com a Turma da Mônica Jovem, o que possibilitará maior entendimento por parte dos entrevistados acerca da temática abordada.

Roteiro da Entrevista

Considerando que a pesquisa tem caráter exploratório, o que implica no caráter qualitativo das mesmas, o levantamento de dados será conduzido por meio de entrevistas em profundidade, realizadas presencialmente, com duração estimada 30 à 45 minutos.

Segundo Marconi e Lakatos (2000), há diferentes tipos de entrevistas, classificando-as em: *Padronizada ou Estruturada, Despadronizada e não estruturada e Painel*. O tipo adotado para este trabalho é o de entrevista *Padronizada ou Estruturada*, uma vez que, mesmo não existindo um roteiro de perguntas fixas e predeterminadas, haverá uma sequência de temas a serem abordados, formando assim, um roteiro pré-estipulado pelo entrevistador.

Roteiro

Aquecimento:

- Relato sobre a Turma da Mônica original
 - época da vida em que começou a ser leitor (a) regular da Turma da Mônica;
 - motivos do interesse pela Turma da Mônica;
 - preferência de personagem
 - identificação de personagem na infância

- Relato do primeiro contato com a Turma da Mônica Jovem
 - opinião sobre o novo formato
 - preferência de personagem
 - identificação com personagem
 - tipo de leitura
 - mudanças dos personagens
 - novos formatos
 - correlação entre os personagens em formato infantil e formato jovem
 - aceitação do novo formato

5.2. Descrição e Análise dos Resultados

As entrevistas coletadas contribuíram para a aquisição de informações que cercam tanto a revistinha original da Turma da Mônica quanto as revistas da Turma da Mônica Jovem. Os cinco entrevistados revelaram que o primeiro contato com Turma da Mônica tradicional ocorreu ainda quando crianças, sendo os gibis utilizados, tanto por pais quanto por professores, como um incentivo à prática da leitura.

A leitura rápida e a utilização de uma linguagem simples, o uso de imagens e cores que facilitavam o entendimento das historietas e a própria dinâmica dos quadrinhos foram apontados pelos cinco entrevistados como motivos que consideravam interessantes no momento da leitura da Turma. "... eu não gostava muito de ler, mas com a Turma da Mônica era diferente, pois as histórias eram curtas, rápidas e bem legais" afirmou uma das entrevistadas; "eu sempre gostei de ler, e com a Turma da Mônica não era diferente", afirmou outra participante. Este fato deve-se essencialmente ao fato de que a Turma da Mônica, em seu formato tradicional, foi e ainda é focado no público infantil.

Em relação à preferência por personagens, os entrevistados têm opiniões diversas, mas, quatro dos cinco, afirmaram que seu personagem preferido era um dos

principais, sendo a Magali citada duas vezes, o Cascão e o Cebolinha uma vez cada e a Marina apontada como favorita, sendo esta a exceção ao núcleo dos personagens centrais. A preferência de personagem não está, de acordo com as entrevistas realizadas, necessariamente vinculada à identificação de cada um dos entrevistados com seus personagens favoritos. "... meu personagem favorito, como já disse, era o Cascão, mas, o personagem que mais me identificava era a Mônica, pois sempre fui baixinha e gordinha ... ah, e também muito briguenta e brava."

De modo geral, os entrevistados mantêm, mesmo que já adultos, uma leitura da Turma da Mônica tradicional. Não com o mesmo ritmo e frequência de quando ainda eram crianças, mas, pode-se dizer que ainda possuem o hábito destas historietas. Esta leitura vem agora acompanhada pela Turma da Mônica Jovem, que segundo quatro dos cinco entrevistados, era uma vontade que tinham desde pequenos.

"Eu lia a turma e queria saber como eles seriam quando crescessem, o que cada um faria e como se comportariam", disse um entrevistado; "eu ficava super curiosa para saber se a Mônica ainda seria gordinha e se o Cascão iria finalmente tomar banho", afirmou a outra. Esta curiosidade foi então saciada no ano de 2008, quando Maurício de Sousa lançou a primeira edição da Turma da Mônica Jovem, com personagens já adolescentes.

Os cinco entrevistados afirmaram ter lido a Turma da Mônica Jovem no primeiro ano de seu lançamento, sendo que, quatro pessoas disseram que a curiosidade foi o principal fator motivador desta leitura do novo formato da turma. Apenas um deles disse que, a princípio, não queria saber como os personagens ficaram, pois isso poderia afetar negativamente a imagem já formada da Turma. Mas, mesmo neste caso, essa barreira foi ultrapassada e a leitura feita ainda no começo do lançamento.

"Eu não queria mudar a imagem que já tenho da Turma da Mônica, relutei porque tive medo de que, após ter lido, ficasse decepcionado com o resultado e minha infância ficasse então 'manchada', mas, como na casa da minha namorada todo mundo lê a Turma e eles têm muitos gibis, um dia conheci a Turma Jovem", afirma o único entrevistado que relatou não desejar, a princípio, o crescimento dos personagens.

De modo geral, o conhecimento desta nova forma da Turma deveu-se às propagandas relacionadas ao lançamento. "Eu via nas bancas, e até no Metrô, que eles iriam crescer, então, quando saiu o gibi fui correndo comprar".

Após a primeira leitura da Turma da Mônica Jovem, os entrevistados afirmaram que se sentiram motivados a continuar lendo estas historietas, criando assim, um vínculo com os personagens crescidos e suas novas vivências. Em relação às novas temáticas inseridas, como o *bullying* e o namoro, todos os entrevistados afirmaram aceitar de maneira positiva esta inserção, uma vez que isto deve acontecer para que haja coerência entre idade e a evolução dos personagens e suas vivências.

“Acredito que as temáticas abordadas estão de acordo com a nova faixa etária dos personagens, e até mesmo do novo público-leitor, que agora, deixam de ser crianças e passam a ser adolescentes. Isto deve chamar a atenção dos leitores, pois acontece no gibi aquilo que ele vivencia na realidade”, relatou uma das entrevistadas. “...desde criança eu já pensava que a Mônica e o Cebolinha iriam ficar juntos, mas esta situação não cabia ao universo infantil, já, agora com eles crescidos, isso foi não apenas adequado, mas acredito também que muito desejado”, disse outra entrevistada.

Quando perguntados sobre a preferência e identificação com os personagens, notou-se uma relação direta entre os eleitos como favoritos no formato tradicional e no formato jovem. Não houve mudanças no que tange à preferência, nem tampouco à identificação de cada um. Apenas um entrevistado afirmou que, no formato da Turma da Mônica Jovem, ele sentiu que o Cebolinha não tem a mesma força e relevância do formato tradicional. Mas, mesmo com isso, ainda tem este personagem como favorito. Esta manutenção deve-se essencialmente ao forte vínculo já criado entre o leitor e o personagem, uma vez que a leitura da Turma da Mônica é algo que acompanhou a infância dos entrevistados.

Ainda em relação aos personagens, os entrevistados afirmaram perceber a evolução dos personagens, e não apenas a inserção dos mesmos em um novo ‘visual’, acreditando assim que o formato jovem retrata de maneira efetiva este crescimento. “... quando eu leio o formato jovem sinto que os personagens realmente cresceram. A Mônica realmente ficaria assim se crescesse, a Magali sempre muito meiga e amiga de

todos também é retratada de forma fidedigna, e o mesmo acontece em relação aos outros personagens”, afirmou uma entrevistada.

Já, quando se fala sobre o novo formato de gibi, o mangá, apenas dois entrevistados disseram ter gostado e visto esta mudança de maneira positiva. Já os outros três disseram ter certa dificuldade em entender todas as expressões e informações transmitidas. É possível apreender, a partir destas entrevistas, que aqueles que gostaram da mudança já tinham contato com este formato de revistinha, o que não acontece com os que receberam o mangá de modo negativo.

É provável que este pouco contato com o formato japonês de historietas dificulte a interpretação completa das historinhas, e com isso, impacte na dificuldade de aceitação do mesmo. Além disso, os mesmos que afirmaram ter certa dificuldade de apreensão das historietas em mangá, relataram sentir falta das cores nas páginas do gibi. “... eu não gosto muito daquelas expressões super exageradas das personagens e também não gosto das páginas em preto e branco”, relatou um entrevistado.

Ainda em relação ao tipo de leitura, o modo sequenciado das historietas, que muitas vezes são divididas em duas etapas, também foi visto positivamente por quatro dos cinco entrevistados. “Com isso, é possível criar maior relação e afinidade com os personagens, uma vez que eles têm uma vida sequencial. Além disso, eu gosto bastante daquela curiosidade que fica no término de um gibi, uma vez que devo esperar pelo lançamento da próxima edição”.

Esta leitura mais longa e muitas vezes seriada é adequada para um público leitor já mais desenvolvido e com maior capacidade de concentração, apreensão e compreensão do texto. No formato tradicional, voltado ao público infantil, existe a necessidade de histórias mais simples e de rápida leitura, devido à faixa etária dos leitores. Já, no formato jovem, voltado a um público mais velho, é possível, e até mesmo indicado, esta leitura mais aprofundada.

De maneira geral, apesar de algumas ressalvas, especialmente no que tange ao formato mangá, os entrevistados afirmaram ter recebido a Turma da Mônica Jovem de maneira positiva, e acreditam na capacidade de manutenção destas historietas por um longo período de tempo, devido especialmente ao fato de que a Turma da Mônica já é bastante consolidada no país, sendo vista de maneira extremamente positiva por um

número significativo de leitores. “O fato de ser Turma da Mônica, de ser Maurício de Sousa, já é um ponto considerável quando pensamos nas chances de sucesso deste novo gibi”, afirmou uma entrevistada.

Com isso, em relação ao grupo de entrevistados, a Turma da Mônica Jovem não apenas já é vista como uma ótima opção de leitura, como acredita-se também no sucesso e na continuação desta historieta.

6.0 Conclusão

O objetivo deste trabalho foi entender como a evolução dos quadrinhos levou ao surgimento da historieta mais conhecida no Brasil: a Turma da Mônica, e como esta criação evoluiu e culminou no lançamento de um novo formato, a Turma da Mônica Jovem. Buscou-se avaliar as características essenciais de seus personagens e elaborou-se um pequeno histórico relacionado à Turma da Mônica, que remonta, naturalmente, a evolução das HQ's de modo geral, e especialmente das HQ's infantis. Além disso, aplicou-se uma pesquisa exploratória que avaliou a recepção deste novo formato por leitores já consolidados da Turma da Mônica.

Esta escolha foi feita devido ao fato de que as histórias em quadrinhos são entendidas como uma excelente forma de comunicação através de imagens, uma vez que em vários momentos não existe a necessidade de palavras para a transmissão da mensagem. Com isso, é possível classificá-las como um formato de linguagem universal, tornando-a extremamente eficaz.

O Brasil é visto, ao longo de seu processo histórico, como um país que concentra um número imenso de quadrinhista, cartunistas e outros profissionais das HQ's extremamente qualificados, e que apresenta relevância histórica na área, tendo como exemplo, o fato de ter sediado o primeiro evento internacional de quadrinhos, que concentrou obras e profissionais de diferentes partes do globo.

Mas, apesar desta relevância, ao longo deste estudo, entendeu-se que, apesar da ampla capacidade de transmissão de informações, da comunicação eficaz das histórias em quadrinhos e da importância nacional no cenário das HQ's, o Brasil ainda não é um país onde a leitura das mesmas está consolidada, sendo a Turma da Mônica o único exemplo de sucesso e permanência de uma historieta nacional.

Maurício de Sousa, o criador da turma, iniciou seu trabalho com a inserção de tirinhas da Turma em jornais, e com o tempo conseguiu o lançamento de seus quadrinhos em formato de revistinhas, que cresceram em tiragem e se consolidaram em todo o país. Mais de 50 anos após a publicação de sua primeira tirinha, a Turma da Mônica ainda mantém-se bastante forte no país, sendo que, no ano de 2008 a mesma evoluiu e foi lançada com personagens adolescentes.

A partir da aplicação das entrevistas, que tinham como foco entender a recepção deste novo formato pelo público já leitor, notou-se não apenas a boa aceitação pelos

entrevistados, mas também a força que o título Turma da Mônica representa, uma vez os entrevistados afirmaram ler este novo formato devido a já consolidada relação dos mesmos com a turma em formato tradicional.

A Turma da Mônica também já se expandiu para além das fronteiras nacionais, tendo revistinhas publicadas em diferentes idiomas, como o inglês e o espanhol, o que serve para reforçar a importância dos personagens que compõem estas historietas.

É importante valorizar esta conquista de mercado por um quadrinhista brasileiro, sendo que, o fato das publicações de Maurício de Sousa terem superado a venda dos quadrinhos Disney já é bastante relevante. Mas, deve-se ressaltar a necessidade de que esta força dos quadrinhos citados não continue por dificultar e muitas vezes até impedir o surgimento e consolidação de outras historietas no Brasil.

Por fim, é preciso enfatizar a necessidade de entendimento da relevância deste formato de comunicação, as HQ's, que, apesar de não ser mais vistas de maneira pejorativa e até mesmo preconceituosa, como se verificava em seu período de surgimento, ainda não recebem, em território nacional, a valorização efetiva de seus profissionais e de seu formato de leitura.

7.0 REFERÊNCIAS

Abrademi.com. **25 anos de Mangá no Brasil**. Disponível em: <<http://abrademi.com/>>. Acessado em: 05/11/2012.

Algosobre.com.br. **Pinturas Rupestres: a comunicação nas cavernas**. Disponível em: <<http://www.algosobre.com.br/biologia/pinturas-rupestres-a-comunicacao-nas-cavernas.html>>. Acessado em: 06/10/2012.

BLONDIE. **Site Comicsando**. Disponível em <<http://comicsando.wordpress.com/epoca-doro/blondie/>>. Acessado em 11/11/2012.

Brasilecola.com. **A Arte da Pré-História nos Períodos Paleolítico e Neolítico**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/a-arte-prehistoria-nos-periodos-paleolitico-neolitico.htm>>. Acessado em: 06/10/2012

BARBEIRO, Heródoto e CANTELE, Bruna. **Ensaio geral: 500 anos de Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1999.

CAGNIN, pág.32 IN: Vergueiro e Santos, 2005

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos infantis brasileiros: uma breve leitura**. *Cultura*, Ano 9, n. 32, p. 31-7, abr./set. 1979.

CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1972.

DORFMAN, A. e MATTELART, A. **Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1971.

Fumdam.org.br. **Pinturas Rupestres**. Disponível em: <http://www.fumdam.org.br/pinturas.asp>. Acessado em 09/10/2012.

Gottfried, L. **Mafalda vai à Escola**. A Comunicação dialógica de Buber e Moreno na Educação, nas tiras de QUINO. São Paulo: Iglu Editora LTDA. 1996.

Guiadosquadrinhos.com. **Cascão**. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=448> Acessado em: 01/11/2012

Guiadosquadrinhos.com. **Cebolinha.** Disponível em: http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=1726. Acessado em: 01/11/2012

Guiadosquadrinhos.com. **Magali.** Disponível em: http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=446. Acessado em: 01/11/2012.

Guiadosquadrinhos.com. **Mônica.** Disponível em: http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=1725. Acessado em: 01/11/2012.

LUYTEN, Sonia Bibe (org). **Cultura pop japonesa mangá e animê.** São Paulo: Hedra, 2005.

LUYTEN, Sonia. **O que é história em quadrinhos.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

MAFALDA. **Site: Wikipedia.** Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mafalda> >. Acessado em: 11/11/2012.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2000.

Monica.com.br. **Maurício de Sousa - Histórico.** Disponível em: <http://www.monica.com.br/mauricio/historic.htm>. Acessado em: 25/10/2012

Monica.com.br. **Personagens - Turma da Mônica.** Disponível em: <http://www.monica.com.br/personag/t-monica.htm>. Acessado em: 01/11/2012

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos.** L&PM Editores S/A, 1986.

MOYA, Álvaro de. **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1970.

PEANUTS. **Site: Wikipedia.** Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Peanuts> >. Acessado em 11/11/2012.

Renatofelix.wordpress.com. **Entrevistas: Mônica Sousa.** Disponível em: <http://renatofelix.wordpress.com/2012/09/20/entrevistas-monica-sousa/>. Acessado em: 01/11/2012.

Revistaescola.abril.com.br. **Arte Rupestre ajuda a entender a Pré-História.** Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/arte-rupestre-ajuda-entender-pre-historia-643068.shtml>>Acessado em: 06/10/2012

SANTOS, Roberto Elísio dos. **Para reler os quadrinhos Disney: Linguagem, técnica, evolução e análise de HQs** . São Paulo : 1998. [Tese de Doutorado Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo].

SOUSA, Maurício. **A Turma da Mônica Jovem - Eles cresceram**. Panini Comics, 2008.

VERDOLINI, Thaís. **A intertextualidade nos quadrinhos da Turma da Mônica**. São Paulo, (s/d). Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volum_e_7/6_A_INTERTEXTUALIDADE_NOS_QUADRINHOS_DA_TURMA_DA_MNICA...pdf. Acessado em 25/10/2012.

VERGUEIRO, W. e SANTOS, Roberto Elísio dos (org). **A História em Quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Laços, 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Agaquê [Revista Eletrônica] v. 2, n.1**, jul. 1999: A Odisséia dos quadrinhos infantis brasileiros: Parte 1: De O Tico-Tico aos quadrinhos Disney, a predominância dos quadrinhos importados.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Agaquê [Revista Eletrônica] v.2**, 1999: A Odisséia dos quadrinhos infantis brasileiros: Parte 2: O predomínio de Maurício de Sousa e a Turma da Mônica.

VERGUEIRO, W. e SANTOS, Roberto Elísio dos (org). **O Tico-Tico 100 anos: Centenário da Primeira Revista de Quadrinhos do Brasil**. Vinhedo: Opera Graphica, 2005.

8.0 Apêndice

- Áudio das Entrevistas